



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE FARMÁCIA



GIOVANNA LETÍCIA SILVA RODRIGUES

**USO DE PSICOTRÓPICOS POR UNIVERSITÁRIOS: ANÁLISE DE FATORES
SOCIODEMOGRÁFICOS, HÁBITOS DE VIDA, CONDIÇÕES DE SAÚDE E
SOLIDÃO**

OURO PRETO

2026

GIOVANNA LETÍCIA SILVA RODRIGUES

**USO DE PSICOTRÓPICOS POR UNIVERSITÁRIOS: ANÁLISE DE FATORES
SOCIODEMOGRÁFICOS, HÁBITOS DE VIDA, CONDIÇÕES DE SAÚDE E
SOLIDÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Ouro Preto como exigência
parcial para obtenção do título de bacharel em Farmácia.

Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Guerra Leal de Souza

Co-orientadora: Me. Maria Emília Fonseca Oliveira

OURO PRETO

2026

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

R696u Rodrigues, Giovanna Leticia Silva.

Uso de psicotrópicos por universitários [manuscrito]: análise de fatores sociodemográficos, hábitos de vida, condições de saúde e solidão. / Giovanna Leticia Silva Rodrigues. - 2026.

52 f.: il.: color., gráf., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Guerra Leal de Souza.

Coorientadora: Ma. Maria Emília Fonseca Oliveira.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Farmácia. Graduação em Farmácia .

1. Psicofisiologia. 2. Psicotrópicos. 3. Estudantes universitários. 4. Solidão. 5. Saúde mental. 6. Medicamentos - Consumo. I. Souza, Gabriela Guerra Leal de. II. Oliveira, Maria Emília Fonseca. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 615.214

Bibliotecário(a) Responsável: Sione Galvão Rodrigues - CRB6 / 2526



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS



FOLHA DE APROVAÇÃO

Giovanna Letícia Silva Rodrigues

Uso de psicotrópicos por universitários: análise de fatores sociodemográficos, hábitos de vida, condições de saúde e solidão

Monografia apresentada ao Curso de Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Farmácia

Aprovada em 13 de julho de 2026

Membros da banca

Dra. Gabriela Guerra Leal de Souza - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Me. Maria Emília Fonseca Oliveira - Coorientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra. Perciliany Martins de Souza - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. Wendel Coura Vital - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Gabriela Guerra Leal de Souza, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 22/07/2026



Documento assinado eletronicamente por **Gabriela Guerra Leal de Souza, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/07/2026, às 21:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1145628** e o código CRC **83661348**.

Aos meus pais, Juliano e Sirlene, pelo amor incondicional,
pelas orações constantes e por acreditarem nos meus
sonhos em todas as etapas da minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

Ao longo da minha trajetória, muitas pessoas deixaram marcas profundas em quem sou hoje. Cada abraço, conselho, incentivo e gesto de carinho construiu um pedacinho da minha história, e por isso não poderia deixar de registrar minha gratidão.

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Juliano e Sirlene, por todo amor, dedicação e incentivo para que eu nunca deixasse de acreditar nos meus sonhos. Tudo o que sou carrega um pouco de vocês. Ao meu irmão Henrique, obrigada pela infância inesquecível, pelas conversas, conselhos e pelo apoio constante. A vida se torna muito mais leve sabendo que tenho você como irmão mais velho.

À minha Vovó Léa (*in memoriam*), que deixou em minha vida lembranças repletas de carinho, cuidado e amor. Sua presença sempre viverá em mim. Aos meus avós maternos, Nair e Benedito, agradeço pelas tardes de domingo cheias de afeto e risadas, memórias que guardarei para sempre com muito carinho.

Às minhas primas Laura, Pamela, Luiza e Isabel, obrigada por compartilharem comigo as melhores fases da vida. Crescer ao lado de vocês tornou tudo mais bonito e especial. À minha tia Jacileia, pelo suporte, incentivo e por sempre acreditar em mim e nos meus estudos.

À família que a vida escolheu colocar no meu caminho - Pedro, Danilo, Anna, Igor, Yasmin, Alexandre e Livia - obrigada por transformarem minha adolescência em um lugar mais leve e acolhedor. Em meio aos momentos difíceis, vocês foram refúgio, companhia e luz.

Aos amigos que a UFOP me presenteou, Élyca, João e Larissa, obrigada por tornarem esses cinco anos mais leves, divertidos e inesquecíveis. Levarei comigo cada conversa, aventura, madrugada e momento compartilhado. Aos colegas do Psicolab, especialmente Perci, Maria e Irise, agradeço por me apresentarem ao universo acadêmico e por despertarem em mim o desejo de seguir essa jornada cheia de descobertas, desafios e emoções.

Ao meu companheiro, Hercules Oliveira, meu agradecimento mais carinhoso pela compreensão, pelo amor, pela paciência e pelo apoio durante esses anos. Obrigada por caminhar ao meu lado mesmo nos dias mais difíceis, celebrando comigo cada pequena conquista.

Agradeço, também, a todas as professoras que passaram pela minha vida e contribuíram, de alguma forma, para minha formação acadêmica e pessoal. Em especial, à minha mãe e à Vovó Léa, que me ensinaram dentro de casa o valor da educação, do cuidado e da dedicação ao ensino. À professora Lourdinha, Rita Andrea e Neuza, obrigada pelo acolhimento e ensinamentos durante a educação básica. À professora Ângela e Gracineide (*in memoriam*), pelo carinho e acompanhamento durante o ensino fundamental. À professora Flávia, pela parceria, aprendizado e apoio ao longo da graduação. Um agradecimento mais do que especial à professora Gabriela, que acreditou em mim, me incentivou e me auxiliou na construção deste trabalho. Sua dedicação, sensibilidade e paixão pelo que faz são inspiradoras. Obrigada por ter sido luz e incentivo em um momento tão importante da minha caminhada.

Por fim, também, gostaria de agradecer, com muito carinho, a todas as pessoas que fizeram parte da minha caminhada e que, mesmo não estando citadas aqui individualmente, contribuíram de alguma forma para que eu chegasse até este momento. Cada palavra de incentivo, gesto de apoio, conversa, abraço e presença teve sua importância ao longo dessa trajetória. Levo comigo um pouco de cada pessoa que cruzou meu caminho, e sou profundamente grata por todas as conexões, aprendizados e memórias construídas ao longo desses anos.

“Não cortaremos os pulsos, ao contrário, costuraremos com linha dupla todas as feridas abertas.”

(Lygia Fagundes Telles, A disciplina do amor).

RESUMO

Nas últimas décadas, o uso de medicamentos, especialmente de psicotrópicos, tem aumentado significativamente, constituindo uma importante questão de saúde pública, sobretudo entre estudantes universitários, população mais vulnerável ao sofrimento mental. Nesse contexto, a solidão tem emergido como um relevante determinante da saúde mental, estando associada a desfechos como ansiedade, depressão e estresse. O presente estudo teve como objetivo investigar a associação dos fatores sociodemográficos, hábitos de vida, condições de saúde e solidão com o uso de psicotrópicos em estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Trata-se de um estudo transversal, realizado com 580 estudantes de graduação e pós-graduação, com idade maior ou igual a 18 anos. Os dados foram obtidos por meio de questionário contendo questões sociodemográficas, hábitos de vida, condições de saúde e uso de medicamentos, além da Escala de Solidão da UCLA revisada. Foram realizadas análises descritivas, teste do qui-quadrado e regressão de Poisson com variância robusta, adotando-se nível de significância de 5%. Os resultados demonstraram elevada frequência de uso de medicamentos, com destaque para os psicotrópicos. A análise multivariada evidenciou que o relato de transtorno mental (RP=8,319; IC95%=5,460–13,266) e a realização de acompanhamento psicológico (RP=1,387; IC95%=1,048–1,833) estiveram associados à maior prevalência de uso de psicotrópicos. Em contrapartida, a prática de exercício físico (RP=0,684; IC95%=0,511–0,909), a satisfação com as horas de sono (RP=0,698; IC95%=0,503–0,952) e o baixo nível de solidão (RP=0,746; IC95%=0,558–0,989) associaram-se à menor prevalência desse desfecho. Conclui-se que fatores relacionados à saúde mental, à solidão e aos hábitos de vida influenciam significativamente o uso de psicotrópicos entre universitários. Os resultados reforçam a necessidade de estratégias institucionais voltadas à promoção da saúde mental, ao fortalecimento das redes de apoio social e ao uso racional de medicamentos no ambiente acadêmico.

Palavras-chave: Universitários, Psicotrópicos, Solidão, Saúde mental, Utilização de medicamentos.

ABSTRACT

In recent decades, medication use—particularly that of psychotropic drugs—has increased significantly, becoming a major public health issue, especially among university students, a population highly vulnerable to mental distress. In this context, loneliness has emerged as a significant determinant of mental health, associated with outcomes such as anxiety, depression, and stress. This study aimed to investigate the associations of sociodemographic factors, lifestyle habits, health conditions, and loneliness with psychotropic drug use among students at the Federal University of Ouro Preto (UFOP). This was a cross-sectional study involving 580 undergraduate and graduate students aged 18 years or older. Data were collected using a questionnaire covering sociodemographic characteristics, lifestyle habits, health conditions, and medication use, as well as the Revised UCLA Loneliness Scale. Descriptive analyses, the chi-square test, and Poisson regression with robust variance were performed, adopting a 5% significance level. The results showed a high frequency of medication use, particularly psychotropics. Multivariate analysis revealed that a reported mental disorder (PR=8.319; 95% CI=5.460–13.266) and undergoing psychological counseling (PR=1.387; 95% CI=1.048–1.833) were associated with a higher prevalence of psychotropic drug use. Conversely, physical exercise (PR=0.684; 95% CI=0.511–0.909), satisfaction with sleep duration (PR=0.698; 95% CI=0.503–0.952), and low levels of loneliness (PR=0.746; 95% CI=0.558–0.989) were associated with a lower prevalence of this outcome. It is concluded that factors related to mental health, loneliness, and lifestyle habits significantly influence the use of psychotropic drugs among university students. The results reinforce the need for institutional strategies aimed at promoting mental health, strengthening social support networks, and ensuring the rational use of medications within the academic environment.

Keywords: University students; Psychotropic drugs; Loneliness; Mental health; Medication use.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição de frequências de universitários (n=580) da Universidade Federal de Ouro Preto de acordo com as características sociodemográficas durante os anos de 2023 e 2024.....	25
Tabela 2: Distribuição de frequências de universitários (n=580) da Universidade Federal de Ouro Preto de acordo com os hábitos de vida, solidão, condições de saúde e uso de medicamentos durante os anos de 2023 e 2024.....	26
Tabela 3: Distribuição de frequências de universitários (n=580) da Universidade Federal de Ouro Preto de acordo com a frequência do uso de diferentes substâncias durante os anos de 2023 e 2024.....	27
Tabela 4: Análise bivariada da prevalência de uso de psicotrópicos em relação às variáveis sociodemográficas, hábitos de vida, solidão e condições de saúde dos estudantes da UFOP entre 2023 e 2024 (n = 580).....	30
Tabela 5: Análise multivariada por regressão de Poisson dos fatores associados ao uso de psicotrópicos entre estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto, 2023–2024.....	33

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Medicamentos mais utilizados por estudantes da UFOP entre 2023 e 2024 (n = 230).....28

Gráfico 2: Psicotrópicos mais utilizados por estudantes da UFOP entre 2023 e 2024 (n = 144).....29

LISTA DE ABREVIACÕES

DIDI	Doses diárias definidas por 1.000 habitantes/dia
IC95%	Intervalo de confiança de 95%
OMS	Organização Mundial da Saúde
OR	Odds Ratios
SNC	Sistema Nervoso Central
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1. Uso de medicamentos.....	15
2.2. Expansão dos psicotrópicos e medicalização do sofrimento mental.....	17
2.3. Saúde mental dos universitários.....	18
2.4. Solidão como fator emergente.....	19
2.5. Fatores associados ao uso de medicamentos e psicotrópicos entre universitários.....	21
3. OBJETIVOS.....	23
3.1. Objetivo geral.....	23
3.2. Objetivos específicos.....	23
4. MATERIAIS E MÉTODOS.....	23
4.1. Recrutamento e seleção dos voluntários.....	23
4.2. Instrumentos de coleta de dados.....	24
4.3. Análise estatística.....	24
5. RESULTADOS.....	25
6. DISCUSSÃO.....	34
7. CONCLUSÃO.....	38
8. REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICES.....	48
APÊNDICE 1 - TCLE.....	48
APÊNDICE 2 - Ficha de informações gerais.....	49
ANEXO - Escala de solidão da UCLA revisada (Russell, Peplau e Cutrona, 1980).....	52

1. INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) os transtornos mentais constituem um problema de saúde pública em nível mundial, estando entre as principais causas de incapacidade e comprometimento da qualidade de vida. Dessa maneira, condições como ansiedade, depressão e estresse psicológico afetam milhões de pessoas e estão associadas a prejuízos no funcionamento social, acadêmico e profissional dos indivíduos. Nesse sentido, ressalta-se que fatores emocionais, sociais e comportamentais exercem influência significativa sobre a saúde mental, contribuindo para o desenvolvimento e agravamento desses transtornos (Graner; Cerqueira, 2019; Vyas *et al.*, 2021).

Ademais, entre os grupos mais suscetíveis ao sofrimento mental destacam-se os estudantes universitários, uma vez que o ingresso no ensino superior é frequentemente acompanhado por mudanças na rotina e no estilo de vida. Nessa perspectiva, é comum a ocorrência do afastamento familiar, aumento das responsabilidades acadêmicas, instabilidade financeira, privação do sono, alterações alimentares e dificuldades de adaptação social. Por conseguinte, essas condições podem impactar negativamente a saúde mental e favorecer o desenvolvimento de sintomas de ansiedade, depressão e estresse psicológico (Andriola; Araújo, 2021).

Corroborando esse cenário, um estudo realizado com estudantes universitários identificou que apenas 15,2% apresentavam ansiedade mínima, enquanto 27,0% apresentavam ansiedade leve, 29,8% ansiedade moderada e 28,0% ansiedade grave. Além disso, a análise multivariada por regressão de Poisson com variância robusta demonstrou que fatores como violência na infância, satisfação com o curso, período de semana de provas, convivência com o pai, falecimento dos pais, realização de tratamento psiquiátrico e presença de pensamentos suicidas estiveram associados aos diferentes níveis de ansiedade, evidenciando a influência de fatores individuais, familiares e acadêmicos sobre a saúde mental dos universitários (Alves, 2019). Esses achados reforçam que a saúde mental dos estudantes é influenciada não apenas por características individuais, mas também pelo contexto social e ambiental no qual estão inseridos.

No contexto da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), esse cenário apresenta particularidades decorrentes do modelo de moradia estudantil característico da instituição. Grande parte dos estudantes residem em repúblicas estudantis, modalidade de moradia

tradicional da cidade caracterizada pelo compartilhamento de responsabilidades domésticas, intensa convivência social e elevado grau de autonomia. Embora esse modelo possa favorecer a formação de vínculos sociais, o sentimento de pertencimento e o desenvolvimento da autonomia, também pode expor os estudantes a situações de maior vulnerabilidade, como maior exposição ao consumo de bebidas alcoólicas, privação do sono, conflitos interpessoais, dificuldades na organização da rotina e desafios relacionados à adaptação às normas de convivência. Além disso, o processo de ingresso e permanência nas repúblicas, aliado ao afastamento da família e às exigências acadêmicas, pode intensificar o estresse e influenciar a saúde mental dos universitários. Dessa forma, compreender os fatores associados ao uso de psicotrópicos nessa população torna-se particularmente relevante, considerando as especificidades do contexto social e cultural vivenciado pelos estudantes da UFOP (Almeida; Ferreira, 2014; Andriola; Araújo, 2021; Rezende, 2021; Santos, 2023).

Entre os fatores psicossociais que podem ser influenciados por esse contexto destaca-se a solidão, que tem recebido crescente atenção como um importante fator relacionado ao sofrimento mental na população universitária. A solidão é definida como uma experiência subjetiva caracterizada pela percepção de insuficiência ou insatisfação nas relações sociais, podendo ocorrer mesmo na presença de interações frequentes (Bekhet *et al.*, 2008; Peplau, 1988). Estudos demonstram associação entre solidão, ansiedade, depressão, estresse psicológico e pior qualidade de vida, evidenciando seu impacto sobre a saúde mental dos estudantes (Barroso; Oliveira; Andrade, 2019).

Como consequência desse cenário, muitos universitários recorrem ao uso de medicamentos como estratégia para lidar com demandas emocionais, sintomas psicológicos e dificuldades relacionadas à adaptação à vida acadêmica. Nas últimas décadas, observa-se crescimento expressivo do consumo de psicotrópicos em diferentes populações, especialmente entre jovens adultos e universitários, configurando-se como relevante questão de saúde pública (Feitosa; Pereira; Lopes, 2022). Aliado a isso, um estudo sobre as tendências de venda de antidepressivos no Brasil demonstrou aumento de aproximadamente 145% na comercialização desses medicamentos entre 2014 e 2020, passando de 13,7 para 33,6 doses diárias definidas por 1.000 habitantes/dia (DID) (Hoefler *et al.*, 2023).

Ademais, entre os medicamentos mais utilizados pelos universitários destacam-se os antidepressivos, ansiolíticos, sedativos, hipnóticos e psicoestimulantes. Evidências apontam prevalência crescente do uso dessas classes terapêuticas entre universitários, frequentemente

associada à presença de sintomas de ansiedade, depressão, estresse psicológico e outras manifestações de sofrimento emocional (Wilkon; Rufato; Silva, 2021; Costa; Jesus; Rocha, 2024). Além dos aspectos emocionais, fatores sociodemográficos, hábitos de vida e condições de saúde também podem influenciar o uso de medicamentos entre universitários. Assim, características como sexo, faixa etária, prática de atividade física, qualidade do sono, consumo de álcool e tabaco, suporte social e presença de doenças crônicas têm sido associadas à maior utilização de medicamentos, especialmente psicotrópicos (Oliveira, 2021; Costa; Jesus; Rocha, 2024).

No Brasil, estudos sobre utilização de medicamentos têm contribuído para compreender os padrões de consumo e seus fatores associados, subsidiando o planejamento de estratégias voltadas ao uso racional de medicamentos e à promoção da saúde. Entretanto, ainda são escassos os estudos que investigam simultaneamente a influência da solidão, dos hábitos de vida, das características sociodemográficas e das condições de saúde sobre o uso de psicotrópicos entre universitários, especialmente em contextos com características particulares, como o da UFOP. Essa lacuna limita a compreensão dos fatores envolvidos no consumo dessas substâncias em uma população particularmente vulnerável ao sofrimento mental (Graner; Cerqueira, 2019; Souza *et al.*, 2025).

Assim, o presente estudo teve como objetivo investigar a associação entre fatores sociodemográficos, hábitos de vida, condições de saúde, nível de solidão e uso de psicotrópicos entre estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), contribuindo para ampliar o conhecimento sobre a saúde mental dessa população e subsidiar estratégias de promoção da saúde, do cuidado em saúde mental e do uso racional de medicamentos no ambiente universitário.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Uso de medicamentos

Até o início do século XIX, grande parte dos medicamentos possuía origem natural e apresentava composição química e mecanismos de ação pouco conhecidos. Entretanto, com o avanço científico e tecnológico, especialmente após a consolidação da indústria farmacêutica, ocorreu expressiva ampliação do desenvolvimento e da disponibilidade de novos fármacos,

transformando as possibilidades terapêuticas para o tratamento de diversas enfermidades (Laurence; Bjorn, 2024).

Nesse contexto, os medicamentos passaram a ocupar papel central na prevenção, controle e tratamento de doenças, constituindo uma das principais estratégias terapêuticas utilizadas nos sistemas de saúde contemporâneos (Melo; Ribeiro; Storpirtis, 2006). Além disso, a expansão da produção industrial, o avanço das pesquisas farmacológicas e a ampliação do acesso aos serviços de saúde contribuíram para o aumento progressivo do consumo de medicamentos em diferentes grupos populacionais (Soares; Brito; Galato, 2020).

Embora os medicamentos desempenhem papel fundamental na melhoria das condições de saúde e da qualidade de vida da população, seu uso inadequado permanece como importante desafio para a saúde pública. O uso irracional de medicamentos pode envolver automedicação, interrupção inadequada de tratamentos, utilização sem acompanhamento profissional e consumo desnecessário de determinadas classes terapêuticas, aumentando o risco de eventos adversos, interações medicamentosas e outros agravos à saúde (OMS, 1985). Nessa perspectiva, a Organização Mundial da Saúde estima que mais da metade de todos os medicamentos são prescritos, dispensados ou vendidos de forma inadequada e que metade dos pacientes não os utiliza corretamente (OMS, 2025).

Paralelamente, observa-se crescimento expressivo da utilização de medicamentos destinados ao manejo de transtornos mentais e do sofrimento. Entre essas classes terapêuticas destacam-se os psicotrópicos, utilizados no tratamento de condições como ansiedade, depressão, transtornos do sono e outros transtornos psiquiátricos. O aumento do consumo desses medicamentos tem despertado interesse científico devido à sua ampla utilização em diferentes grupos populacionais, especialmente entre jovens adultos e estudantes universitários, grupo frequentemente exposto a fatores que podem comprometer a saúde mental (Bru, 2024; Huang *et al.*, 2025).

Dessa forma, compreender os padrões de utilização de medicamentos e os fatores associados ao seu consumo torna-se fundamental para subsidiar estratégias voltadas à promoção da saúde e ao uso racional desses produtos, especialmente em populações mais vulneráveis.

2.2. Expansão dos psicotrópicos e medicalização do sofrimento mental

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), os psicotrópicos, também denominados substâncias psicoativas, correspondem a substâncias químicas capazes de atuar diretamente sobre o Sistema Nervoso Central (SNC), promovendo alterações no funcionamento cerebral. Dessa forma, esses fármacos podem modificar processos mentais, influenciando o humor, a percepção, a consciência, o comportamento e as emoções dos indivíduos.

Entretanto, devido à complexidade das funções cerebrais e à diversidade de mecanismos envolvidos na ação dessas substâncias, não existe uma classificação única e universalmente aceita para os psicotrópicos. Por isso, diferentes critérios podem ser utilizados para sua categorização, incluindo a estrutura química, o mecanismo de ação, os efeitos produzidos e a aplicação terapêutica. Entre as principais classes de psicotrópicos destacam-se os antidepressivos, ansiolíticos, hipnóticos e sedativos, antipsicóticos e estabilizadores do humor, amplamente utilizados no tratamento de diferentes transtornos mentais (Ritter *et al.*, 2025).

A classificação pela estrutura química considera as características moleculares dos fármacos, agrupando substâncias que apresentam estruturas semelhantes, as quais frequentemente compartilham propriedades farmacológicas. Já a classificação pelo mecanismo de ação baseia-se na forma como o medicamento interage com os alvos biológicos, como os receptores presentes no sistema nervoso central, modulando a neurotransmissão e produzindo seus efeitos terapêuticos. Por sua vez, a classificação pelos efeitos produzidos considera as respostas farmacológicas observadas no organismo, como sedação, estimulação, redução da ansiedade ou estabilização do humor. Por fim, a classificação pela aplicação terapêutica organiza os psicotrópicos de acordo com suas principais indicações clínicas, independentemente de sua estrutura química ou mecanismo de ação (Ritter *et al.*, 2025).

Na última década, observou-se um aumento expressivo do consumo dessas substâncias em diversos países, especialmente dos antidepressivos (Peano *et al.*, 2025). Nesse sentido, um estudo que avaliou a prescrição de psicotrópicos em Portugal, durante 2016 a 2019, mostrou um aumento superior a 30% no consumo de antidepressivos e antipsicóticos, acompanhado por um acréscimo de aproximadamente 37 milhões de euros nos gastos

relacionados a essas classes terapêuticas. No mesmo período, o consumo de benzodiazepínicos manteve-se relativamente estável, embora sua utilização tenha permanecido elevada, abrangendo mais de 15% da população portuguesa (Madeira; Queiroz; Henriques, 2023).

No Brasil, estudos apontam crescimento contínuo da utilização de psicotrópicos, fenômeno frequentemente associado ao aumento dos diagnósticos de transtornos mentais, à ampliação do acesso aos serviços de saúde e à maior disponibilidade de tratamentos farmacológicos. Além disso, mulheres e adultos jovens figuram entre os principais usuários desses medicamentos, evidenciando a importância de compreender os fatores associados ao seu consumo (Souza *et al.*, 2025). Nesse contexto, os psicotrópicos passaram a ocupar posição de destaque nas discussões relacionadas à saúde pública, especialmente em populações mais vulneráveis ao sofrimento mental, como os estudantes universitários (Graner; Cerqueira, 2019).

Paralelo a isso, alguns autores argumentam que a expansão do consumo de psicotrópicos não pode ser explicada exclusivamente pelo aumento da prevalência dos transtornos mentais ou pela ampliação do acesso aos serviços de saúde. Segundo essa perspectiva, esse fenômeno também reflete um processo crescente de medicalização do sofrimento humano, no qual experiências emocionais, sociais e existenciais passam a ser interpretadas e tratadas predominantemente por meio de intervenções farmacológicas (Cavalcanti; Barbosa; Barroso, 2023). Tal discussão tem ganhado relevância diante do aumento expressivo da utilização desses medicamentos em diferentes contextos populacionais.

2.3. Saúde mental dos universitários

O ingresso no Ensino Superior constitui uma etapa marcante para muitos jovens, sendo frequentemente associado a novas oportunidades de crescimento pessoal, acadêmico e profissional. Entretanto, essa transição nem sempre é acompanhada apenas de experiências positivas. As mudanças na rotina e nos hábitos de vida, o afastamento do convívio familiar, as exigências acadêmicas crescentes e, muitas vezes, a insuficiência de redes de apoio social podem favorecer o surgimento de sintomas ansiosos e outros agravos à saúde mental. Tais condições podem repercutir negativamente não apenas no bem-estar psicológico, mas também

na saúde física, no desempenho acadêmico e na qualidade de vida dos estudantes (Oliveira; Ribeiro, 2025).

Nesse sentido, evidências recentes demonstram elevada prevalência de problemas relacionados à saúde mental entre estudantes universitários. Em um estudo conduzido com graduandos, observou-se prevalência de sintomas de ansiedade em 75% dos participantes, além de alta prevalência de sintomas de estresse (73,26%) e depressão (49%). Os autores também identificaram correlações positivas entre o estresse acadêmico e os sintomas de depressão, ansiedade e estresse, sugerindo que as demandas inerentes ao contexto universitário podem contribuir para o sofrimento mental dessa população (Haruna; Mohammed; Braimah, 2025).

Paralelo a isso, diversos estudos demonstram que os principais fatores associados ao sofrimento mental dos estudantes são a elevada carga de atividades acadêmicas, a pressão por desempenho, as dificuldades de adaptação à vida universitária e a insuficiência de suporte social (Fragelli; Fragelli, 2021). Soma-se a isso evidências de que esse sofrimento não se restringe ao período de ingresso na universidade. Jardim, Castro e Ferreira-Rodrigues (2021) observaram elevada frequência de sofrimento mental, ansiedade e estresse tanto em estudantes ingressantes quanto concluintes, indicando que tais condições podem acompanhar os indivíduos ao longo de toda a trajetória acadêmica.

Dessa forma, observa-se que o contexto universitário reúne diversos fatores capazes de influenciar negativamente a saúde mental dos estudantes, tornando necessária a implementação de estratégias institucionais de acolhimento, promoção da saúde mental e fortalecimento das redes de apoio no ambiente acadêmico (Fragelli; Fragelli, 2021). Entre os aspectos que vêm ganhando destaque nas investigações recentes destaca-se a solidão, fenômeno cada vez mais frequente entre universitários e associado a desfechos negativos para a saúde mental, incluindo sintomas de ansiedade, estresse e depressão (Barroso; Oliveira; Andrade, 2019).

2.4. Solidão como fator emergente

A solidão pode ser definida como uma experiência subjetiva decorrente da percepção de insuficiência ou insatisfação nas relações sociais, caracterizando-se como um estado

emocional desagradável associado ao sentimento de isolamento social (Bekhet *et al.*, 2008; Peplau, 1988). Nesse sentido, trata-se de um fenômeno complexo e multifacetado, cuja vivência varia de acordo com as características individuais e o contexto social de cada pessoa (Tiwari, 2013). Ademais, embora seja uma experiência comum à condição humana, indivíduos que apresentam níveis elevados de solidão tendem a perceber suas relações interpessoais como menos satisfatórias e menos recompensadoras (Brownley *et al.*, 2000).

Ressalta-se, ainda, que a solidão é altamente prevalente em diferentes faixas etárias. Dessa forma, estima-se que aproximadamente 80% dos indivíduos com menos de 18 anos e 40% daqueles com mais de 65 anos relatam sentir-se solitários pelo menos uma vez por semana (Berguno, 2004; Pinqart, 2001). Além disso, revisões sistemáticas recentes demonstram que a solidão constitui um problema de saúde pública de alcance global, afetando indivíduos de diferentes idades e contextos socioculturais, embora sua magnitude varie entre populações e países (OMS, 2025). Entretanto, a solidão não deve ser confundida com isolamento social. A presença de contatos sociais não garante proteção contra esse sentimento, da mesma forma que a ausência de interação social não implica necessariamente na sua ocorrência. Assim, uma pessoa pode sentir-se solitária mesmo cercada por outras pessoas, enquanto outra pode não experimentar solidão durante períodos de isolamento físico (Cacioppo *et al.*, 2009).

Além disso, evidências indicam que a solidão está mais relacionada à qualidade percebida das relações sociais do que à quantidade de vínculos estabelecidos (Hawkley *et al.*, 2008). Dessa forma, fatores como rejeição social, falta de intimidade emocional e insatisfação com os relacionamentos interpessoais parecem exercer papel mais relevante no desenvolvimento desse sentimento do que a simples ausência de interação social (Perlman; Peplau, 1984).

A literatura também demonstra forte associação entre solidão e desfechos negativos em saúde mental. Estudos apontam que indivíduos mais solitários apresentam maiores níveis de depressão, ansiedade e estresse psicológico quando comparados àqueles com menores níveis de solidão (Anderson *et al.*, 1985; Anderson; Harvey, 1988; Wang *et al.*, 2018). Evidências mais recentes corroboram esses achados, indicando que a solidão está associada ao aumento do risco de sintomas depressivos, ansiedade e pior estado psicológico, especialmente entre jovens e adultos (Loades *et al.*, 2020; Murthy, 2023). Aliado a isso, a solidão pode ser compreendida como um sinal de alerta para déficits nas conexões sociais, desencadeando

sofrimento emocional (Peplau, 1988). Nesse contexto, pesquisas em neurociência sugerem que experiências de rejeição social ativam regiões cerebrais semelhantes às aquelas envolvidas no processamento da dor física, evidenciando o caráter potencialmente doloroso desse fenômeno (Kross *et al.*, 2011).

No contexto universitário, a solidão tem emergido como um importante fator relacionado ao sofrimento mental. A entrada no ensino superior frequentemente exige adaptações, como afastamento da família, mudança de cidade, construção de novas redes de apoio e enfrentamento das demandas acadêmicas. Essas transformações podem favorecer o surgimento ou agravamento de sentimentos de solidão entre os estudantes (Barroso, 2019). Diante disso, torna-se fundamental compreender o papel da solidão na saúde mental dos universitários, especialmente considerando sua possível influência sobre comportamentos relacionados ao cuidado em saúde, incluindo a utilização de psicotrópicos.

2.5. Fatores associados ao uso de medicamentos e psicotrópicos entre universitários

A utilização de medicamentos entre universitários é influenciada por um conjunto de fatores sociodemográficos, comportamentais e relacionados às condições de saúde (Leite *et al.*, 2026). Entre os fatores sociodemográficos, o sexo tem sido consistentemente apontado como variável associada ao maior consumo de medicamentos. De maneira geral, mulheres apresentam maior utilização de medicamentos quando comparadas aos homens, especialmente de psicotrópicos, fenômeno que pode estar relacionado à maior procura por serviços de saúde, à maior frequência de diagnósticos de transtornos mentais e às diferenças socioculturais na percepção, expressão e manejo do sofrimento psíquico (Graner; Cerqueira, 2019; Souza *et al.*, 2025). Além disso, outras características sociodemográficas, como faixa etária, condições socioeconômicas, religiosidade e contexto acadêmico, também podem influenciar os padrões de utilização de medicamentos. Estudos sugerem que a presença de redes de apoio social, crenças religiosas e menores demandas acadêmicas podem atuar como fatores de proteção para o sofrimento mental e, conseqüentemente, para o uso de medicamentos, especialmente os psicotrópicos (Vyas *et al.*, 2021; Barroso; Oliveira; Andrade, 2019).

No que se refere às condições de saúde, destaca-se a forte associação entre a presença de transtornos mentais e a utilização de psicotrópicos. Transtornos como ansiedade e depressão figuram entre as principais condições relacionadas à prescrição e ao consumo desses medicamentos, especialmente entre jovens adultos e estudantes universitários, população que apresenta elevada prevalência de sofrimento psíquico e transtornos mentais comuns (Aubergbach *et al.*, 2018; Graner; Cerqueira, 2019).

Ademais, indivíduos que realizam acompanhamento psicológico ou psiquiátrico tendem a apresentar maior frequência de utilização de psicotrópicos, uma vez que possuem maior acesso ao diagnóstico, ao monitoramento clínico e às intervenções terapêuticas necessárias para o manejo dessas condições. Nesse contexto, a procura por serviços especializados de saúde mental pode refletir tanto maior acesso ao cuidado quanto maior gravidade do sofrimento psíquico apresentado pelos indivíduos (Pedrelli *et al.*, 2015).

Os hábitos de vida também desempenham papel relevante na utilização de medicamentos. Evidências sugerem que a prática de exercícios físicos está associada a melhores indicadores de saúde mental e menor prevalência de sintomas depressivos e ansiosos. Em contrapartida, a baixa prática de exercícios físicos, a insatisfação com o sono e a privação de horas de descanso têm sido associadas ao aumento de sintomas emocionais e à maior utilização de medicamentos voltados ao manejo dessas condições (Costa; Soares; Teixeira, 2007; Lahti *et al.*, 2013; Wichniak *et al.*, 2017).

Além disso, comportamentos relacionados ao consumo de substâncias psicoativas, como álcool, tabaco e outras drogas, também têm sido investigados como possíveis fatores associados ao uso de medicamentos entre universitários. Embora os resultados da literatura sejam heterogêneos, diversos estudos apontam que esses comportamentos podem coexistir com sintomas de sofrimento mental, contribuindo para maior vulnerabilidade emocional e para a utilização de psicotrópicos (Graner; Cerqueira, 2019).

Por fim, fatores psicossociais, especialmente aqueles relacionados ao suporte social e à qualidade das relações interpessoais, têm recebido crescente atenção na literatura científica. Evidências indicam que a percepção de insuficiência ou insatisfação nas relações sociais está associada a maiores níveis de ansiedade, depressão, estresse psicológico e pior qualidade de vida. Tais condições constituem importantes fatores relacionados à procura por cuidados em saúde mental e à utilização de psicotrópicos (Barroso; Oliveira; Andrade, 2019; Wang *et al.*,

2018). Dessa forma, a compreensão da relação entre solidão e uso de medicamentos torna-se relevante para a identificação de grupos mais vulneráveis ao sofrimento psíquico e para o desenvolvimento de estratégias integradas de promoção da saúde mental, prevenção de agravos e uso racional de medicamentos no contexto universitário.

Diante da multiplicidade de fatores potencialmente envolvidos na utilização de medicamentos entre universitários, torna-se necessária a investigação simultânea de características sociodemográficas, hábitos de vida, condições de saúde e aspectos psicossociais, especialmente a solidão, de modo a compreender sua influência sobre o consumo de medicamentos e psicotrópicos nessa população.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo geral

Investigar a associação entre fatores sociodemográficos, hábitos de vida, condições de saúde e nível de solidão com o uso de psicotrópicos, entre estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

3.2. Objetivos específicos

- Caracterizar a população do estudo quanto às variáveis sociodemográficas, hábitos de vida, condições de saúde e nível de solidão em relação ao uso de psicotrópicos;
- Descrever a frequência do uso de medicamentos, incluindo as classes terapêuticas mais utilizadas;
- Verificar se as variáveis sociodemográficas, hábitos de vida, condições de saúde e nível de solidão associam-se ao uso de psicotrópicos.

4. MATERIAIS E MÉTODOS

4.1. Recrutamento e seleção dos voluntários

Este estudo transversal foi desenvolvido a partir da análise dos dados da linha de base de um estudo longitudinal conduzido pelo Laboratório de Psicofisiologia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da

UFOP (CAAE: 68155522.9.0000.5150), e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes da participação. As coletas foram realizadas entre 02/2023 e 11/2024.

Todos os estudantes regularmente matriculados nos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade foram convidados a participar voluntariamente da pesquisa por meio do envio de *e-mails* contendo o *link* de acesso ao questionário eletrônico. Adicionalmente, a divulgação do estudo foi realizada por meio de cartazes e panfletos distribuídos no *campus* universitário do Morro do Cruzeiro. Aqueles que se interessaram em participar e assinaram o TCLE tiveram acesso ao link com os questionários, caracterizando a amostra como sendo de conveniência.

Os critérios de inclusão adotados foram: estar matriculado em cursos de graduação ou pós-graduação da Universidade Federal de Ouro Preto, possuir idade maior ou igual a 18 anos e aceitar participar do projeto. Não houve critérios de exclusão.

4.2. Instrumentos de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada por meio de dois instrumentos. O primeiro consistiu em uma ficha de informações gerais elaborada pelos autores, contendo informações sociodemográficas, hábitos de vida e condições de saúde. Foram coletadas variáveis relacionadas à idade, sexo, local de residência, prática de atividade física, consumo de bebidas alcoólicas, duração do sono, acompanhamento psicológico, presença de transtorno mental diagnosticado por médico e uso de medicamentos, dentre outras.

O segundo instrumento utilizado foi a versão brasileira validada da Escala de Solidão da UCLA revisada (Russell, Peplau e Cutrona, 1980; Barroso, Andrade e Oliveira, 2016). Este instrumento é composto por 20 afirmações relacionadas aos sentimentos de solidão, respondidas em escala *Likert* de quatro pontos variando entre nunca (0), raramente (1), algumas vezes (2) e frequentemente (3), totalizando um máximo de 60 pontos. É importante salientar, ainda, que a versão brasileira apresenta elevada consistência interna ($\alpha = 0,94$).

Em seguida, os níveis de solidão foram classificados de acordo com os pontos de corte propostos por Barroso *et al.* (2016): 0 a 22 pontos (solidão mínima), 23 a 35 pontos (solidão leve), 36 a 47 pontos (solidão moderada) e 48 a 60 pontos (solidão intensa). Para as análises

deste estudo, os participantes foram categorizados em dois grupos: baixa solidão (0 a 22 pontos) e alta solidão (≥ 23 pontos).

4.3. Análise estatística

O banco de dados foi construído em planilhas do *Microsoft Excel*, e as análises estatísticas foram realizadas no software *Jamovi* versão 2.6.44. Adotou-se um nível de significância de 5% ($p < 0,05$). Inicialmente, realizou-se análise descritiva mediante as frequências absolutas e relativas das variáveis sociodemográficas, hábitos de vida, condições de saúde, nível de solidão e uso de medicamentos. Posteriormente, utilizou-se o teste do Qui-Quadrado de Independência (2x2) para avaliar a associação entre o uso de medicamentos e as variáveis independentes investigadas. As variáveis que apresentaram associação com o desfecho na análise bivariada, com valor de $p \leq 0,250$, foram incluídas na análise multivariada por meio de regressão de Poisson com variância robusta, utilizando o método de seleção *backward*. No modelo final, permaneceram as variáveis que apresentaram associação estatisticamente significativa ($p < 0,05$). A magnitude da associação foi expressa pela razão de prevalência (RP), acompanhada de seus respectivos intervalos de confiança de 95% (IC95%).

5. RESULTADOS

O formulário eletrônico foi encaminhado por *e-mail* para aproximadamente 11.000 estudantes de graduação e pós-graduação matriculados na UFOP entre fevereiro de 2023 e novembro de 2024. Ao total, 679 indivíduos responderam ao questionário. Entretanto, 99 respostas foram excluídas durante a etapa de triagem devido à não concordância com o TCLE e à identificação de respostas duplicadas. Assim, a amostra final do estudo corresponde a aproximadamente 5,27% do total de estudantes matriculados na UFOP no período analisado.

As características sociodemográficas, disponíveis na tabela 1, mostram a predominância do sexo feminino (60,0%) e de estudantes com idade entre 18 e 24 anos (61,7%). Em relação à raça/cor, houve maior frequência de indivíduos autodeclarados brancos (50,0%), seguidos por pardos (31,7%). Verificou-se maior participação dos estudantes de graduação (84,5%), além de maior frequência de participantes residentes em Ouro Preto (67,0%) e com alguma religião (57,6%).

Tabela 1: Distribuição de frequências de universitários (n=580) da Universidade Federal de Ouro Preto de acordo com as características sociodemográficas durante os anos de 2023 e 2024.

VARIÁVEIS	UNIVERSITÁRIOS	
	n	%
Características Sociodemográficas		
Sexo		
Feminino	348	60,0
Masculino	217	37,4
Outro	15	2,6
Idade		
18 a 24 anos	358	61,7
≥ 24 anos	222	38,3
Raça/cor		
Branco	290	50,0
Amarelo	11	1,9
Negro	91	15,7
Pardo	184	31,7
Outro	4	0,7
Reside em Ouro Preto		
Sim	389	67,0
Não	191	33,0
Religião		
Sim	334	57,6
Não	246	42,4
Categoria		
Graduação	490	84,5
Pós-graduação	90	15,5

Fonte: Elaborado pela autora.

No que se refere aos hábitos de vida, solidão, condições de saúde e uso de medicamentos, disponível na Tabela 2, identificou-se elevada frequência de transtornos mentais diagnosticados por médicos (43,6%). Além disso, 39,7% dos universitários relataram uso de medicamentos e 48,8% apresentaram altos níveis de solidão. Quanto aos hábitos relacionados ao sono, a maior parte dos participantes relatou dormir entre seis e oito horas por noite (82,8%). Entretanto, 61,2% dos universitários demonstraram insatisfação com as horas de sono.

Tabela 2: Distribuição de frequências de universitários (n=580) da Universidade Federal de Ouro Preto de acordo com os hábitos de vida, solidão, condições de saúde e uso de medicamentos durante os anos de 2023 e 2024.

VARIÁVEIS	UNIVERSITÁRIOS	
	n	%
Transtorno mental		
Sim	253	43,6
Não	327	56,4
Uso de medicamentos		
Sim	230	39,7
Não	350	60,3
Uso de psicotrópicos		
Sim	144	24,8
Não	436	75,2
Acompanhamento psicológico		
Sim	161	27,8
Não	419	72,2
Nível de solidão		
Alto	283	48,8
Baixo	297	51,2
Exercício físico		
Sim	289	49,8
Não	291	50,2
Duração do sono		
Menor ou igual a 5 horas	75	12,9
Entre 6 e 8 horas	480	82,8
Mais de 9 horas	25	4,3
Satisfação com as horas de sono		
Sim	225	38,8
Não	355	61,2

Em relação ao consumo de diferentes substâncias (Tabela 3), observou-se elevada frequência de ingestão de bebidas alcoólicas (57,6%), bem como frequência variável de uso de outras substâncias psicoativas, incluindo tabaco (32,8%), derivados da maconha (31,4%), hipnóticos/sedativos (14,3%), estimulantes (8,6%), inalantes (6,4%), drogas alucinógenas (6,2%), opioides (2,8%) e derivados da cocaína (2,8%).

Tabela 3: Distribuição de frequências de universitários (n=580) da Universidade Federal de Ouro Preto de acordo com a frequência do uso de diferentes substâncias durante os anos de 2023 e 2024.

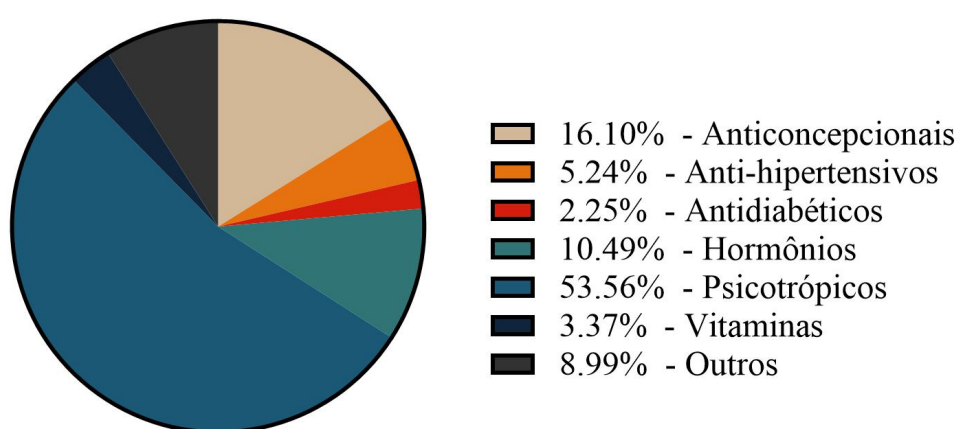
VARIÁVEIS	UNIVERSITÁRIOS	
	n	%
Frequência do uso de tabaco nos últimos três meses		
Nenhuma vez	390	67,2
1 ou 2 vezes	79	13,6
Mensalmente	21	3,6
Semanalmente	35	6,0
Diariamente ou quase todo dia	55	9,6
Frequência do uso de bebidas alcoólicas nos últimos três meses		
Nenhuma vez	78	13,4
1 ou 2 vezes	156	26,9
Mensalmente	120	20,7
Semanalmente	214	36,9
Diariamente ou quase todo dia	12	2,1
Frequência do uso de derivados da <i>cannabis</i> nos últimos três meses		
Nenhuma vez	398	68,6
1 ou 2 vezes	88	15,2
Mensalmente	38	6,6
Semanalmente	31	5,3
Diariamente ou quase todo dia	25	4,3
Frequência do uso de derivados da cocaína nos últimos três meses		
Nenhuma vez	564	97,2
1 ou 2 vezes	14	2,4
Mensalmente	2	0,4
Semanalmente	0	0,0
Diariamente ou quase todo dia	0	0,0
Frequência do uso de estimulantes nos últimos três meses		
Nenhuma vez	530	91,4
1 ou 2 vezes	37	6,4
Mensalmente	10	1,7
Semanalmente	1	0,2
Diariamente ou quase todo dia	2	0,3
Frequência do uso de inalantes nos últimos três meses		
Nenhuma vez	543	93,6
1 ou 2 vezes	30	5,2
Mensalmente	5	0,9
Semanalmente	2	0,3
Diariamente ou quase todo dia	0	0,0
Frequência do uso de hipnóticos/sedativos nos últimos três meses		
Nenhuma vez	497	85,7

1 ou 2 vezes	41	7,0
Mensalmente	14	2,4
Semanalmente	12	2,1
Diariamente ou quase todo dia	16	2,8
Frequência do uso de drogas alucinógenas nos últimos três meses		
Nenhuma vez	544	93,8
1 ou 2 vezes	25	4,3
Mensalmente	10	1,7
Semanalmente	1	0,2
Diariamente ou quase todo dia	0	0,0
Frequência do uso de drogas opioides nos últimos três meses		
Nenhuma vez	564	97,2
1 ou 2 vezes	12	2,1
Mensalmente	1	0,2
Semanalmente	0	0,0
Diariamente ou quase todo dia	3	0,5

Fonte: Elaborado pela autora.

As classes farmacológicas mais utilizadas estão apresentadas no Gráfico 1, com destaque para os psicotrópicos e anticoncepcionais hormonais. Vale ressaltar que, para fins de classificação, a categoria "Hormônios" inclui medicamentos esteroides, como a testosterona. Diferindo, assim, da categoria de "Anticoncepcionais".

Gráfico 1 - Medicamentos mais utilizados por estudantes da UFOP entre 2023 e 2024 (n = 230).

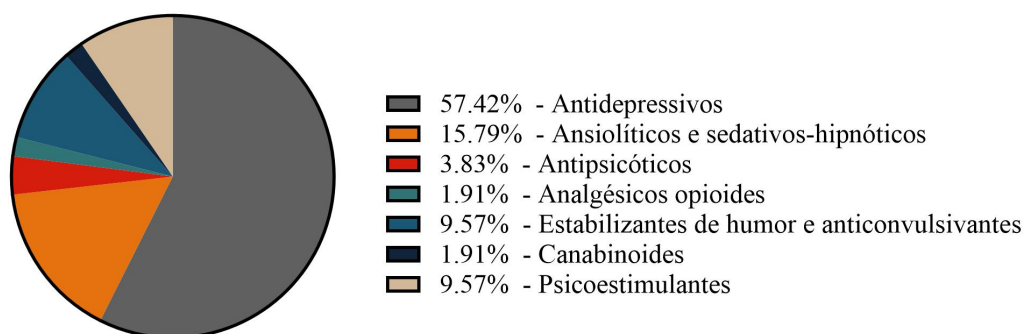


Fonte: Elaborado pela autora.

Entre os estudantes que relataram uso de psicotrópicos, observou-se predominância de antidepressivos, seguidos por ansiolíticos e hipnóticos/sedativos, conforme demonstrado no

Gráfico 2. Também foram identificados relatos de uso de estabilizadores de humor, estimulantes e antipsicóticos, embora em menor frequência.

Gráfico 2 - Psicotrópicos mais utilizados por estudantes da UFOP entre 2023 e 2024 (n = 144).



Fonte: Elaborado pela autora.

A análise bivariada da associação entre uso de psicotrópicos e as variáveis sociodemográficas, hábitos de vida, solidão e condições de saúde está apresentada na Tabela 2. Sendo assim, foram observadas associações estatisticamente significativas entre o uso de psicotrópicos (Sim e Não) e as variáveis sexo (Feminino, Masculino e Outro), transtorno mental (Sim e Não), níveis de solidão (Alto e Baixo), acompanhamento psicológico (Sim e Não), prática de exercício físico (Sim e Não) e satisfação com as horas de sono (Sim e Não).

No que se refere ao sexo, observou-se associação estatisticamente significativa com o uso de psicotrópicos, $\chi^2(2, N = 580) = 6,75$, $p = 0,034$, V de Cramér = 0,108, indicando magnitude de associação fraca. Entretanto, a análise dos resíduos ajustados não revelou diferenças estatisticamente significativas entre as frequências observadas e esperadas nas categorias analisadas.

Em relação ao transtorno mental, verificou-se associação estatisticamente significativa com o uso de psicotrópicos, sendo observado maior consumo entre os participantes que relataram diagnóstico prévio de transtorno mental quando comparados àqueles sem diagnóstico, $\chi^2(1, N = 580) = 175$, $p = 0,001$, $\phi = 0,549$, indicando magnitude de associação moderada.

Quanto aos níveis de solidão, também foi identificada associação estatisticamente significativa com o uso de psicotrópicos, evidenciando maior frequência de consumo entre os

indivíduos classificados com alta solidão, $\chi^2(1, N = 580) = 19,1$, $p = 0,001$, $\phi = 0,181$, indicando magnitude de associação fraca.

Além disso, observou-se associação entre acompanhamento psicológico e uso de psicotrópicos, sendo o consumo mais frequente entre os participantes que realizavam acompanhamento psicológico, $\chi^2(1, N = 580) = 36,2$, $p = 0,001$, $\phi = 0,253$, indicando magnitude de associação fraca.

A prática de exercício físico também apresentou associação estatisticamente significativa com o uso de psicotrópicos, sendo identificado maior consumo entre os indivíduos que não praticavam exercícios físicos, $\chi^2(1, N = 580) = 17,5$, $p = 0,001$, $\phi = 0,174$, indicando magnitude de associação fraca.

Por fim, observou-se associação entre satisfação com as horas de sono e uso de psicotrópicos, de modo que participantes insatisfeitos com suas horas de sono apresentaram maior frequência de consumo, $\chi^2(1, N = 580) = 15,3$, $p = 0,001$, $\phi = 0,163$, indicando magnitude de associação fraca.

Tabela 4. Análise bivariada da frequência de uso de psicotrópicos em relação às variáveis sociodemográficas, hábitos de vida, solidão e condições de saúde dos estudantes da UFOP entre 2023 e 2024 ($n = 580$).

VARIÁVEIS	USO DE PSICOTRÓPICOS			
	n (%)	Sim (%)	Não (%)	<i>p</i>
Características Sociodemográficas				
Sexo				
Feminino	348 (60,0)	66,7	57,8	0,034
Masculino	217 (37,4)	29,2	40,1	
Outro	15 (2,6)	4,1	2,1	
Idade				
18 a 24 anos	358 (61,7)	59,0	62,6	0,443
≥ 24 anos	222 (38,3)	41,0	37,4	
Raça/cor				
Branco	290 (50,0)	50,0	50,0	0,941
Amarelo	11 (1,9)	1,4	2,1	
Negro	91 (15,7)	15,3	15,8	
Pardo	184 (31,7)	33,3	31,2	
Outro	4 (0,7)	0,0	0,9	
Religião				
Sim	334 (57,6)	49,3	40,1	0,054
Não	246 (42,4)	50,7	59,9	

Categoria				
Graduação	490 (84,5)	84,0	84,6	0,862
Pós-graduação	90 (15,5)	16,0	15,4	
Transtorno mental				
Sim	253 (43,6)	91,0	28,0	< 0,001
Não	327 (56,4)	9,0	72,0	
Nível de solidão				
Alto	283 (48,8)	64,6	43,6	< 0,001
Baixo	297 (51,2)	35,4	56,4	
Acompanhamento psicológico				
Sim	161 (27,8)	47,2	21,3	< 0,001
Não	419 (72,2)	52,8	78,7	
Ingestão frequente de bebida alcoólica				
Sim	334 (57,6)	64,6	70,9	0,156
Não	246 (42,4)	35,4	29,1	
Exercício físico				
Sim	289 (49,8)	34,7	54,8	< 0,001
Não	291 (50,2)	65,3	45,2	
Duração do sono				
Menor ou igual a 5 horas	75 (12,9)	14,6	12,4	0,525
Entre 6 e 8 horas	480 (82,8)	79,9	83,7	
Mais de 9 horas	25 (4,3)	5,5	3,9	
Satisfação com as horas de sono				
Sim	225 (38,8)	25,0	43,3	< 0,001
Não	355 (61,2)	75,0	56,7	

Fonte: Elaborado pela autora.

Na análise multivariada por regressão de Poisson com variância robusta, permaneceram associados ao uso de psicotrópicos o relato de transtorno mental, a prática de exercício físico, o acompanhamento psicológico, a satisfação com as horas de sono e o nível de solidão. Assim, estudantes que relataram transtorno mental apresentaram prevalência de uso de psicotrópicos 8,32 vezes maior quando comparados àqueles sem transtorno mental (RP = 8,319; IC95%: 5,460–13,266; $p < 0,001$). A prática de exercício físico esteve associada a uma menor prevalência de uso de psicotrópicos (RP = 0,684; IC95%: 0,511–0,909; $p = 0,010$), assim como a satisfação com as horas de sono (RP = 0,698; IC95%: 0,503–0,952; $p = 0,027$). Da mesma forma, estudantes com baixa solidão apresentaram menor prevalência de uso de psicotrópicos quando comparados àqueles com alta solidão (RP=0,746; IC95%: 0,558–0,989; $p = 0,044$). Por outro lado, aqueles que realizavam acompanhamento

psicológico apresentaram prevalência 38,7% maior de uso de psicotrópicos em relação aos que não realizavam acompanhamento (RP = 1,387; IC95%: 1,048–1,833; $p = 0,022$). As variáveis religião ($p = 0,594$) e sexo ($p = 0,892$) permaneceram no modelo ajustado, porém não apresentaram associação estatisticamente significativa com o desfecho.

Tabela 5. Análise multivariada por regressão de Poisson dos fatores associados ao uso de psicotrópicos entre estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto, 2023–2024.

RP: Razão de prevalência; IC95%: intervalo de confiança de 95%. Valores de $p < 0,05$ foram considerados estatisticamente significativos.

VARIÁVEIS	USO DE PSICOTRÓPICOS	
	RP (IC95%)	<i>p</i>
Transtorno mental (Sim - Não)	8,319 (5,460-13,266)	< 0,001
Exercício físico (Sim - Não)	0,684 (0,511-0,909)	0,010
Acompanhamento psicológico (Sim - Não)	1,387 (1,048-1,833)	0,022
Satisfação com as horas de sono (Sim - Não)	0,698 (0,503-0,952)	0,027
Nível de solidão (Baixa solidão - Alta solidão)	0,746 (0,558-0,989)	0,044
Religião (Sim - Não)	0,840 (0,640-1,102)	0,594
Sexo (Masculino - Feminino)	1,049 (0,487-1,973)	0,892

Fonte: Elaborado pela autora.

6. DISCUSSÃO

O presente estudo almeja descrever o perfil de utilização de medicamentos entre estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto, no período de 2023 a 2024, em especial o uso de psicotrópicos, bem como analisar os fatores associados a esse perfil. Nessa perspectiva, destaca-se que estudos sobre uso de medicamentos na população universitária ainda são escassos na literatura nacional e internacional, o que reforça a relevância desta pesquisa para a ampliação do conhecimento científico acerca dessa temática.

A população estudada foi composta majoritariamente por indivíduos do sexo feminino (60,0%), autodeclarados brancos (50,0%) e residentes no município de Ouro Preto (67,0%). Observou-se ainda predominância de estudantes de graduação (84,5%) e presença de religião declarada em 57,6% da amostra. Perfil semelhante foi identificado em outros estudos realizados com universitários brasileiros, nos quais se observa maior participação de mulheres

em pesquisas relacionadas à saúde mental e utilização de medicamentos (Oliveira *et al.*, 2021; Moura *et al.*, 2022). A faixa etária mais prevalente dos alunos que participaram da pesquisa foi de 18 a 24 anos (61,7%), o que está de acordo com o esperado, uma vez que essa é a faixa etária mais comum de se iniciar um curso superior (INEP, 2022).

Em relação às condições de saúde mental, verificou-se a prevalência de transtornos mentais (43,6%) e altos níveis de solidão (48,8%) entre os participantes. Além disso, 27,8% dos estudantes relataram realizar acompanhamento psicológico. Esses achados sugerem a presença de sofrimento mental na população universitária estudada, corroborando os achados de pesquisas anteriores que apontam aumento expressivo de sintomas ansiosos, depressivos e sentimentos de solidão entre universitários, especialmente após o período pandêmico (Oliveira *et al.*, 2021; Moura *et al.*, 2022; Rosário, 2023; Cardoso *et al.*, 2025).

No que se refere à utilização de medicamentos, observou-se frequência de 39,7%, sendo o uso de psicotrópicos relatado por 24,8% dos estudantes. Nesse contexto, uma pesquisa também realizada na Universidade Federal de Ouro Preto durante o período da pandemia de COVID-19 identificou frequência semelhante de utilização de medicamentos entre os universitários (40,21%) (Oliveira *et al.*, 2021). Além disso, na nossa pesquisa verificou-se que as classes medicamentosas mais utilizadas foram os psicotrópicos (24,8%) e os contraceptivos orais (16,6%). Ao comparar os resultados do presente estudo com os encontrados anteriormente na mesma universidade, observa-se um aumento expressivo na frequência do uso de psicotrópicos. Durante o período pandêmico, o percentual de utilização dessa classe medicamentosa correspondia a 16,56%, valor inferior ao identificado no presente estudo (Oliveira *et al.*, 2021; Huang *et al.*, 2025).

Esse aumento pode estar relacionado à intensificação do sofrimento mental entre universitários no período pós-pandêmico, marcado por maiores níveis de ansiedade, estresse, depressão e dificuldades emocionais, fatores frequentemente associados ao uso de medicamentos psicotrópicos (Oliveira *et al.*, 2021). Além disso, as demandas acadêmicas, a sobrecarga emocional e as dificuldades de adaptação ao contexto universitário também podem contribuir para o aumento da utilização dessa classe terapêutica entre estudantes universitários (Moura *et al.*, 2022; Cardoso *et al.*, 2025). Outra hipótese para explicar esse achado é a retomada do acesso aos serviços de saúde mental após o período mais crítico da pandemia. As restrições sanitárias reduziram significativamente a oferta e a utilização de atendimentos em saúde mental, o que pode ter retardado diagnósticos e o início do tratamento farmacológico.

Assim, a reorganização dos serviços e a retomada do acompanhamento especializado podem ter contribuído para o aumento do uso de psicotrópicos observado no período pós-pandêmico (Ornel *et al.*, 2021).

Em relação aos psicotrópicos, a classe mais utilizada foi a dos antidepressivos (57,4%), resultado semelhante ao encontrado em estudos prévios realizados com universitários (Santos *et al.*, 2019; Bru, 2024). Esse achado pode estar relacionado à elevada prevalência de transtornos depressivos na população em geral, especialmente entre jovens adultos e estudantes universitários (OMS, 2025). Nesse contexto, os antidepressivos destacam-se como uma das principais classes terapêuticas utilizadas no manejo dos transtornos mentais, particularmente da depressão e dos transtornos de ansiedade (Santana *et al.*, 2026).

Paralelamente, a elevada frequência do uso de contraceptivos orais pode estar associada ao perfil da população estudada, composta majoritariamente por mulheres em idade sexualmente ativa. Esse achado também foi observado em outros estudos realizados com universitários, evidenciando um padrão semelhante de utilização dessa classe medicamentosa (Costa; D'Elia; Moreira, 1996; Araújo *et al.*, 2023).

Entre os hábitos de vida avaliados, observou-se elevada frequência de ingestão de bebida alcoólica (57,6%), enquanto um pouco mais da metade dos estudantes relatou não praticar exercício físico (50,2%). Além disso, apenas 38,8% dos participantes demonstraram satisfação com suas horas de sono, apesar da maioria relatar dormir entre seis e oito horas por noite (82,8%). Esses resultados sugerem possíveis impactos negativos da rotina universitária sobre a qualidade de vida e a saúde mental dos estudantes, considerando que privação do sono, sedentarismo e consumo de álcool são fatores frequentemente associados ao sofrimento psíquico e ao uso de medicamentos psicotrópicos (Berardelli *et al.*, 2018; Bianchi; Miaso, 2025).

Em relação ao uso de substâncias psicoativas nos últimos três meses, verificou-se maior frequência de consumo de bebidas alcoólicas (57,6%), tabaco (32,8%) e derivados da maconha (31,4%). O uso de outras substâncias, como cocaína, inalantes, opioides e drogas alucinógenas, apresentou baixa frequência. Esses achados seguem tendência observada em estudos com universitários brasileiros, nos quais álcool, tabaco e *cannabis* figuram entre as

substâncias mais frequentemente consumidas por jovens adultos (Chiapetti; Serbena, 2007; Santos D. *et al.*, 2019).

Em relação à solidão, observou-se que 48,8% dos estudantes apresentaram altos níveis desse sentimento. Esse achado corrobora a literatura, que reconhece a solidão como um importante fator de vulnerabilidade para a saúde mental de universitários, estando associada ao desenvolvimento e agravamento de sintomas de ansiedade, depressão e estresse, especialmente em contextos de vulnerabilidade social e acadêmica (Barroso; Oliveira; Andrade, 2019).

Além disso, a coexistência entre solidão, uso de substâncias ilícitas e utilização de psicotrópicos evidencia a complexidade dos fatores relacionados à saúde mental no contexto universitário. Tal cenário reforça a necessidade de estratégias institucionais voltadas à promoção da saúde mental, prevenção do uso abusivo de substâncias e fortalecimento das redes de apoio social entre universitários (Leite *et al.*, 2026)

Na análise dos fatores que predizem o uso de psicotrópicos, foram observados resultados estatisticamente significativos com transtorno mental, níveis de solidão, acompanhamento psicológico, prática de exercício físico e satisfação com as horas de sono. Os estudantes que relataram possuir transtorno mental apresentaram maior chance de utilizar psicotrópicos quando comparados àqueles sem transtorno mental. Esse achado é consistente com a literatura, considerando que os psicotrópicos são amplamente utilizados no manejo de transtornos mentais, especialmente ansiedade e depressão, condições frequentemente observadas na população universitária. Tal achado corrobora estudos anteriores que identificaram associação significativa entre sofrimento psíquico e maior frequência de uso de psicofármacos entre estudantes universitários (Reis *et al.*, 2021).

Em relação aos níveis de solidão, estudantes classificados com baixos níveis de solidão apresentaram menor chance de utilização de psicotrópicos quando comparados àqueles com altos níveis de solidão. Dessa forma, esse resultado reforça a hipótese de associação entre sofrimento emocional e uso de medicamentos psicotrópicos, sugerindo que a solidão pode atuar como importante fator relacionado ao adoecimento mental entre universitários. Estudos prévios também apontam associação entre solidão e maior utilização de medicamentos voltados à saúde mental, principalmente entre a população idosa (Boehlen *et al.*, 2015; Vyas *et al.*, 2021; Lam; Vuolo, 2023). Até onde foi possível identificar na

literatura consultada, não foram encontrados estudos que investigassem essa associação entre universitários.

Além disso, verificou-se associação significativa entre acompanhamento psicológico e uso de psicotrópicos. Esse achado pode indicar que estudantes em maior sofrimento psíquico tendem a procurar suporte profissional e, conseqüentemente, apresentam maior probabilidade de utilização desses medicamentos. O exercício físico mostrou-se associado a menor chance de uso de psicotrópicos. Da mesma forma, estudantes satisfeitos com suas horas de sono apresentaram menor probabilidade de utilizar psicotrópicos. Esses resultados sugerem possível associação inversa com hábitos de vida saudáveis sobre a saúde mental dos universitários, corroborando estudos que associam a prática de exercício físico e boa qualidade do sono à redução de sintomas ansiosos e depressivos, além de uma menor utilização de psicotrópicos (Costa; Soares; Teixeira, 2007; Lahti *et al.*, 2013; Wichniak *et al.*, 2017).

Como limitações deste estudo, destaca-se o fato de a amostra ser de conveniência, o que pode limitar a representatividade dos resultados em relação à totalidade dos estudantes da comunidade acadêmica da UFOP. Aliado a isso, as informações foram obtidas por autorrelato, o que pode favorecer viés de memória e subnotificação, especialmente em variáveis relacionadas à saúde mental e uso de substâncias psicoativas. Ademais, por se tratar de um estudo transversal, não é possível estabelecer relações de causalidade entre as variáveis analisadas, tampouco comparar as condições prévias em que a população estudada se encontrava antes do período avaliado. Outra limitação refere-se à ausência da avaliação de fatores potencialmente relevantes para a compreensão do uso de psicotrópicos, como o apoio social, que tem sido apontado na literatura como um importante determinante da saúde mental e um possível fator de proteção frente ao sofrimento psíquico entre universitários. A inclusão dessa variável em estudos futuros poderá contribuir para uma compreensão mais abrangente dos fatores associados ao uso de psicotrópicos nessa população.

Apesar dessas limitações, o estudo apresenta contribuições para a compreensão do perfil de utilização de medicamentos entre universitários. Os resultados permitiram caracterizar aspectos sociodemográficos, hábitos de vida, solidão e condições de saúde dos estudantes, bem como analisar a relação dessas variáveis com o uso de psicotrópicos. Adicionalmente, os achados podem contribuir para ampliar o conhecimento sobre a saúde da população universitária, fornecendo subsídios para o desenvolvimento de novos estudos e

estratégias voltadas à promoção da saúde mental e ao uso racional de medicamentos no ambiente acadêmico.

7. CONCLUSÃO

O presente estudo caracteriza os aspectos sociodemográficos, hábitos de vida, nível de solidão, condições de saúde e perfil de uso de medicamentos entre estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto. Nessa perspectiva, observou-se a prevalência de transtornos mentais, insatisfação com as horas de sono, consumo de bebidas alcoólicas e utilização de medicamentos, especialmente psicotrópicos, com destaque para antidepressivos e ansiolíticos.

Além disso, verificou-se associação significativa entre o uso de psicotrópicos e fatores relacionados à saúde mental e aos hábitos de vida dos universitários. Assim sendo, estudantes com transtorno mental, em acompanhamento psicológico e com maiores níveis de solidão apresentaram maior probabilidade de utilização de psicotrópicos. Em contrapartida, a prática de exercício físico e a satisfação com as horas de sono associaram-se à menor probabilidade de uso de psicotrópicos.

Desse modo, destaca-se que os achados evidenciam a complexidade dos fatores envolvidos na saúde mental da população universitária e reforçam a importância da implementação de estratégias institucionais voltadas à promoção da saúde mental, fortalecimento das redes de apoio social e incentivo a hábitos de vida saudáveis no ambiente acadêmico. Ademais, o estudo contribui para ampliar o conhecimento sobre o perfil de utilização de medicamentos entre universitários, fornecendo subsídios para futuras pesquisas e para o desenvolvimento de ações de promoção do uso racional de medicamentos no contexto universitário. Por fim, destaca-se que, devido ao delineamento transversal do estudo, os resultados devem ser interpretados com cautela, não sendo possível estabelecer relações de causalidade entre as variáveis investigadas.

8. REFERÊNCIAS

- ALVES, Júlia Vasconcelos de Sá . Prevalência e fatores associados à ansiedade em estudantes dos cursos da área de saúde da UFOP. 2019. 52 f. Monografia (Graduação em Farmácia) - Escola de Farmácia, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2019.
- ANDERSON, C. A.; ARNOULT, L. H. Attributional style and everyday problems in living: Depression, loneliness, and shyness. **Social Cognition**, v. 3, n. 1, p. 16-35, 1985. DOI: <https://doi.org/10.1521/soco.1985.3.1.16>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/274289381_Attributional_Style_and_Everyday_Problems_in_Living_Depression_Loneliness_and_Shyness. Acesso em: 3 jun. 2026.
- ANDERSON, C. A.; HARVEY, R. J. Brief report: Discriminating between problems in living: An examination of measures of depression, loneliness, shyness, and social anxiety. **Journal of Social and Clinical Psychology**, v. 6, n. 3-4, p. 482-491, 1988. DOI: <https://doi.org/10.1521/jscp.1988.6.3-4.482>. Disponível em: <https://guilfordjournals.com/doi/10.1521/jscp.1988.6.3-4.482>. Acesso em: 3 jun. 2026.
- ANDRIOLA, W. B.; ARAÚJO, A. C.. Adaptação de alunos ao ambiente universitário: estudo de caso em cursos de graduação da Universidade Federal do Ceará. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 29, n. 110, p. 135–159, jan. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362020002802251>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/nqZZQwNrQFwffVBcNF79btb/?lang=pt>. Acesso em: 1 jun. 2026.
- ARAÚJO, F. G., ABREU, M. N. S.; FELISBINO-MENDES, M. S. Mix contraceptivo e fatores associados ao tipo de método usado pelas mulheres brasileiras: estudo transversal de base populacional. **Cadernos De Saúde Pública**, v. 39, p. 8, e00229322. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT229322>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/tkJZ6KxbwckZ6ykhv7YkBBM/?lang=pt>. Acesso em: 22 mai. 2026.
- AUERBACH, R. P.; MORTIER, P.; BRUFFAERTS, R.; ALONSO, J.; BENJET, C.; CUIJPERS, P.; DEMYTTENAERE, K.; EBERT, D. D.; GREEN, J. G.; HASKING, P.; MURRAY, E.; NOCK, M. K.; PINDER-AMAKER, S.; SAMPSON, N. A.; STEIN, D. J.; VILAGUT, G.; ZASLAVSKY, A. M.; KESSLER, R. C. WHO World Mental Health Surveys International College Student Project: prevalence and distribution of mental disorders. **Journal of Abnormal Psychology**, Washington, v. 127, n. 7, p. 623-638, 2018. DOI: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/abn0000362>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30211576/>. Acesso em: 1 jun. 2026.
- BARROSO, S. M.; BAPTISTA, M. N.; ZANON, C. **Solidão como variável preditora na depressão em adultos**. Estudos Interdisciplinares em Psicologia, [S. l.], v. 9, n. 3supl, p. 26–37, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2018v9n3suplp26>. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/30561>> . Acesso em: 1 jun. 2026.

BARROSO, S. M.; SOUSA, A. A. S. E. ; ROSENDO, L. DOS S. Impacto da Solidão na Qualidade de Vida de Universitários de Minas Gerais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 43, p. e243909, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003243909>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/P8nLnZPQxtPRp5z8vyy7PGr/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 1 jun. 2026.

BARROSO, S.; OLIVEIRA, N. R. de; ANDRADE, V. S. de. **Solidão e Depressão: Relações com Características Pessoais e Hábitos de Vida em Universitários**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 35, p. e35427, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35427> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/gb4WHV8F5XW7XmrjyC5gPfg/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 1 jun. 2026.

BEKHET, A. K.; ZAUSZNIEWSKI, J. A.; NAKHLA, W. E. **Loneliness: a concept analysis**. Wiley Online Library, 2008, p. 207-213. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1744-6198.2008.00114.x>. PMID: 19076464. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19076464/>. Acesso em: 3 jun. 2026.

BERARDELLI, I.; CORIGLIANO, V.; HAWKINS, M.; COMPARELLI, A.; ERBUTO, D.; POMPILI, M. Lifestyle Interventions and Prevention of Suicide. **Frontiers in psychiatry**, v. 9 a567, 2018. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsy.2018.00567>. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychiatry/articles/10.3389/fpsy.2018.00567/full>. Acesso em: 22 mai. 2026.

BERGUNO, G.; LEROUX, P.; McAINSH, K.; SHAIKH, S. Children's experience of loneliness at school and its relation to bullying and the quality of teacher interventions. **The Qualitative Report**. v. 9, n. 3, p. 483-499, 2004 DOI: <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2004.1920>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281350840_Children's_Experience_of_Loneliness_at_School_and_its_Relation_to_Bullying_and_the_Quality_of_Teacher_Interventions. Acesso em: 3 jun. 2026.

BIANCHI G. C.; MIASSO, A.I. Factors associated with common mental disorders, suicidal risk, and stimulant use in college students. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 78(6):e20240501. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2024-0501>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/q6fq4ZkHJm4FMnjGkXZDQBn/?lang=en>. Acesso em: 22 mai. 2026.

BOEHLEN, F.; HERZOG, W.; QUINZLER, R.; HAEFELI, W. E.; MAATOUK, I.; NIEHOFF, D.; SAUM, K. U.; BRENNER, H.; WILD, B. Loneliness in the elderly is associated with the use of psychotropic drugs. **International Journal of Geriatric Psychiatry**, v. 30, n. 9, p. 957–964, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1002/gps.4246>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25504324/>. Acesso em: 25 mai. 2026.

BROWNLEY, K.; HURWITZ, B.; SCHNEIDERMAN, N. Cardiovascular Psychophysiology. In: CACIOPPO, J. T.; TASSINARY, L. G.; BERNTSON, G. G. (Eds.). **Handbook of Psychophysiology**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2000. p. 224-264.

BRU, G. S. Uso de psicotrópicos: usuários, prescrições e prescritores. Estudo na cidade de Mar del Plata, Argentina (2021-2022). **Saúde e Sociedade**, v. 33, n. 1, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902024220654pt>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/7cjYsX3w5sYVCSqJqKZBDzF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 mai. 2026.

CACIOPPO, J. T.; FOWLER, J. H.; CHRISTAKIS, N. A. Alone in the crowd: the structure and spread of loneliness in a large social network. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 97, n. 6, p. 977, 2009. Dec;97(6):977-91. DOI:<https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/a0016076>. PMID: 19968414; PMCID: PMC2792572. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC2792572/>. Acesso em: 3 jun. 2026.

CARDOSO, L. G. de O.; SILVA, G. F. da; BRAZ, A. L. P.; SILVA, V. de S. de S.; SILVA, P. S. da; COELHO, R. da S.; LUZ, G. R. O. da; TEIXEIRA, C. A. B. Sintomas Ansiosos em Estudantes Universitários Pós COVID: Uma Revisão Integrativa de Literatura. **Saúde Coletiva**, v. 16, n. 99, p. 17070–17085, 2025. DOI: <https://doi.org/10.36489/saudecoletiva.2025v16i99p17070-17085>. Disponível em: <https://revistasauodecoletiva.com.br/index.php/saudecoletiva/article/view/3561>. Acesso em: 22 mai. 2026.

CAVALCANTI, E. B.; BARBOSA, A. C. E.; BARROSO, V. B. A. (2023). O aumento do consumo de antidepressivos por jovens: Uma análise dos aspectos legais e éticos. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, 12(1). DOI: <https://doi.org/10.61164/rmnm.v12i1.1726>. Disponível em: <https://remunom.ojsbr.com/index.php/multidisciplinar/article/view/1726/>. Acesso em: 3 jun. 2026.

CHIAPETTI, N.; SERBENA, C. A. Uso de álcool, tabaco e drogas por estudantes da área de saúde de uma Universidade de Curitiba. **Psicologia: Reflexão E Crítica**, v. 20(2), p 303–313. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000200017>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/PG6s4bTyxtmFrzWCHDxWvmP/?lang=pt>. Acesso em: 22 mai. 2026.

COSTA, J. S. D.; D'ELIA, P. B.; MOREIRA, M. R. Prevalência de uso de métodos contraceptivos e adequação do uso de anticoncepcionais orais na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 12 n. 3 DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1996000300007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/3DCHjMpRT6ZkGpd66TWyQSF/?lang=pt>. Acesso em: 22 mai. 2026.

COSTA, R. A.; SOARES, H. L. R.; TEIXEIRA, J. A. C. Benefícios da atividade física e do exercício físico na depressão. **Revista Do Departamento De Psicologia**. UFF, v. 19(1), 273–27, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-80232007000100022>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdpsi/a/RpX434mLxwCh976f4b3dKqw/?lang=pt>. Acesso em: 23 mai. 2026.

COSTA, W. C.; JESUS, C. M. de; ROCHA, E. C. Fatores associados ao uso de psicofármacos por universitários: uma revisão integrativa. **OBSERVATÓRIO DE LA ECONOMÍA LATINOAMERICANA**, [S. l.], v. 22, n. 11, p. e7916, 2024. DOI: <https://doi.org/10.55905/oelv22n11-193>. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/7916>. Acesso em: 2 jun. 2026.

ESHER, A.; COUTINHO, T. Uso racional de medicamentos, farmacêuticalização e usos do metilfenidato. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 8, p. 2571–2580, ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017228.08622017>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/FvqznKY6xKDqj5cL5fs8kRP/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 2 jun. 2026.

FEITOSA, G. N. F.; PEREIRA, S. M. F.; LOPES, M. D. Saúde mental na pandemia. Aumento no consumo de psicofármacos: Mental health in the pandemic. Increase in the consumption of psychotropic drugs. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 8, n. 12, p. 76783–76804, 2022. DOI: [10.34117/bjdv8n12-003](https://doi.org/10.34117/bjdv8n12-003). Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/54901>. Acesso em: 2 jun. 2026.

FRAGELLI, T. B. O.; FRAGELLI, R. R.. Por que estudantes universitários apresentam estresse, ansiedade e depressão? Uma rapid review de estudos longitudinais. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 11, e029593, p. 1-21, 2021. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.29593>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/29593>. Acesso em: 2 jun. 2026.

GRANER, K. M.; CERQUEIRA, A. T. de A. R. **Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 24, n. 4, p. 1327-1346, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.09692017>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/RLFrGpHpQKgkYpwXvHx3B3b/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 1 jun. 2026.

HARUNA, U.; MOHAMMED, A. R.; BRAIMAH, M. Understanding the burden of depression, anxiety and stress among first-year undergraduate students. **BMC Psychiatry**, Londres, v. 25, n. 1, p. 632, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12888-025-07069-8>. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12220226/>. Acesso em: 2 jun. 2026.

HAWKLEY, L. C.; HUGHES, M. E.; WAITE, L. J.; MASI, C. M. et al. From social structural factors to perceptions of relationship quality and loneliness: the Chicago health, aging, and

social relations study. **The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences**, v. 63, n. 6, p. S375-S384, 2008. Nov;63(6):S375-84. DOI: <https://doi.org/10.1093/geronb/63.6.s375>. PMID: 19092047; PMCID: PMC2769562. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC2769562/>. Acesso em: 3 jun. 2026.

HOEFLER, R.; TIGUMAN, G. M. B.; GALVÃO, T. F.; RIBEIRO-VAZ, I.; SILVA, M. T. Trends in sales of antidepressants in Brazil from 2014 to 2020: a time trend analysis with joinpoint regression. **Journal of Affective Disorders**, v. 323, p. 146-153, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jad.2022.11.069>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0165032722013295?via%3Dihub>. Acesso em: 2 jun. 2026.

HUANG, C.; YANG, Y.; WEI, Y.; YAN, V. K. C.; LEE, K. J.; LEUNG, S. M.; LAI, F.T. T.; CHAI, Y.; BRAUER, R.; CASTLE, D. J.; WEI, Li; HAYES, J. F.; LUO, H.; SISKIND, D.; YAN, E. W. C.; CHAN, E. W. Y. Psychotropic medication consumption before and after onset of COVID-19 pandemic in 91 countries and regions: a time-series analysis. **The Lancet Regional Health - Western Pacific**, v. 64, 2025, 101711., ISSN 2666-6065. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.lanwpc.2025.101711>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2666606525002500>). Acesso em: 22 mai. 2026.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Indicadores educacionais: Brasil, 2022. Brasília, DF: INEP, 2022.

KROSS, E.; BERMAN, M. G.; MISCHER, W.; SMITH, E. E.; WAGER, T. D. Social rejection shares somatosensory representations with physical pain. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 108, n. 15, p. 6270-6275, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1073/pnas.1102693108>. Disponível em: <https://www.pnas.org/doi/10.1073/pnas.1102693108>. Acesso em: 3 jun. 2026.

LAHTI, J.; LALLUKKA, T.; LAHELMA, E.; RAHKONEN, O. Leisure-time physical activity and psychotropic medication: a prospective cohort study. **Preventive Medicine**, [S.l.], v. 57, n. 3, p. 173-177, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ypmed.2013.05.019>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0091743513001825?via%3Dihub>. Acesso em: 22 mai. 2026.

LAM, J.; VUOLO, M. Longitudinal Associations Between Loneliness and Prescription Medication Use. **The journals of gerontology. Series B, Psychological sciences and social sciences**, n. 78(4), p. 730-735, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1093/geronb/gbad010>. Disponível em: <https://academic.oup.com/psychogerontology/article/78/4/730/7000160>. Acesso em: 22 mai. 2026.

LAPORTE, J. R.; TOGNONI, G.; ROSENFELD, S. **Epidemiologia do medicamento: princípios gerais**. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO, 1989. 293p.

LAURENCE, L. B.; BJÖRN C. K. M. **As Bases Farmacológicas da Terapêutica de Goodman e Gilman**. 14. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2024. E-book. p.4. ISBN 9786558822400. Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786558822400/>. Acesso em: 02 jun. 2026.

LEITE, I. V. F.; BATISTA, T. M.; ARAÚJO, D. I. A. F. de; ROLIM, L. A. D. M. de M. USO DE PSICOTRÓPICOS COMO AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS: IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL E PAPEL DO FARMACÊUTICO. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 12, n. 5, p. 1–13, 2026. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v12i5.26489>. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/26489>. Acesso em: 23 mai. 2026.

LOADES, Maria Elizabeth et al. Rapid systematic review: the impact of social isolation and loneliness on the mental health of children and adolescents in the context of COVID-19. **Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry**, New York, v. 59, n. 11, p. 1218–1239.e3, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2020.05.009>. Disponível em: [https://www.jaacap.org/article/S0890-8567\(20\)30337-3/fulltext](https://www.jaacap.org/article/S0890-8567(20)30337-3/fulltext). Acesso em: 23 mai. 2026.

MADEIRA, L.; QUEIROZ, G.; HENRIQUES, R. Prepandemic psychotropic drug status in Portugal: a nationwide pharmacoepidemiological profile. **Sci Rep** 13, 6912 (2023). DOI: <https://doi.org/10.1038/s41598-023-33765-0>. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41598-023-33765-0#citeas>. Acesso em: 3 jun. 2026.

MELO, D. de O.; RIBEIRO, E.; STORPIRTIS, S. A importância e a história dos estudos de utilização de medicamentos. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, [S. l.], v. 42, n. 4, p. 475–485, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-93322006000400002>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rbcf/article/view/44155>. Acesso em: 1 jun. 2026.

MOURA, C. C.; TOLEDO, L. V.; NOGUEIRA, D. A.; BOSCAROL, G. T.; CHAVES, R. L.; MARINHO, C. A. C.; RODRIGUES, Y. M.; SANTANA, M. C. V.; ALVES, B. O.; LOURENÇO, B. G.; CHAVES, E. C. L.; CHIANCA, T. C. M. Factors associated with symptoms of depression, anxiety, and stress post-COVID-19, in university students: a cross-sectional study, Minas Gerais, 2023-2024. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 35, e20250241. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2237-96222026v35e20250241.pt>. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/ress/2026.v35/e20250241/#>. Acesso em: 22 mai. 2026.

MURTHY, Vivek H. **Our epidemic of loneliness and isolation: the U.S. Surgeon General's advisory on the healing effects of social connection and community**. Washington, DC: U.S. Department of Health and Human Services, Office of the Surgeon General, 2023. Disponível em: <https://www.hhs.gov/sites/default/files/surgeon-general-social-connection-advisory.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2026.

OLIVEIRA, R. F. de; RIBEIRO, L. P. Fatores de risco associados ao sofrimento psíquico de estudantes universitários: uma revisão sistemática. **Horizontes**, [S. l.], v. 43, n. 1, p. e023242, 2025. DOI: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v43i1.2089>. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/2089>. Acesso em: 3 jun. 2026.

OLIVEIRA, Wanessa Cecília de. Prevalência e fatores associados ao uso de medicamentos em estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto. 2021. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas – Bacharelado) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2021.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Conferência Mundial sobre o Uso Racional de Medicamentos: relatório final. Nairobi, 1985. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 1987. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/37174>. Acesso em: 18 jul. 2023.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Depression. Geneva: WHO, 2025. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/depression>. Acesso em: 25 mai. 2026.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Rational use of medicines. Geneva: WHO. Disponível em: <https://www.who.int/teams/health-product-policy-and-standards/medicines-selection-ip-and-affordability/medicines-policy/rational-use>. Acesso em: 29 jun. 2026.

OMS. Organização Mundial da Saúde. *From loneliness to social connection: charting a path to healthier societies*. Geneva: World Health Organization, 2025. Disponível em: <https://www.who.int/groups/commission-on-social-connection>. Acesso em: 20 jul. 2026.

ORNELL, F.; BORELLI, W. V.; BENZANO, D.; SCHUCH, J. B.; MOURA, H. F.; SORDI, A. O.; KESSLER, F. H. P.; SCHERER, J. N.; VON DIEMEN, L. The next pandemic: impact of COVID-19 in mental healthcare assistance in a nationwide epidemiological study. **The Lancet Regional Health – Americas**, v. 4, p. 100061, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.lana.2021.100061>. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2667193X21000570?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 3 jun. 2026.

PEANO, A.; CALABRESE, F.; Pechlivanidis, K. et al. International Trends in Antidepressant Consumption: a 10-year Comparative Analysis (2010–2020). **Psychiatr Q** 96, 241–255 (2025). DOI: <https://doi.org/10.1007/s11126-025-10122-0>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/50130>. Acesso em: 3 jun. 2026.

PEDRELLI, P.; NYER, M.; YEUNG, A.; ZULAUF, C.; WILENS, T. College students: mental health problems and treatment considerations. **Academic Psychiatry**, Cham, v. 39, n. 5, p. 503–511, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1007/s40596-014-0205-9>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40596-014-0205-9>. Acesso em: 1 jun. 2026.

PEPLAU, L. **Loneliness: New directions in research**. In: *Participate in the challenge of mental health and psychiatric nursing in 1988* (pp. 127-142), 1988.

PERLMAN, D.; PEPLAU, L. A. **Loneliness research: A survey of empirical findings. In: Preventing the Harmful Consequences of Severe and Persistent Loneliness**, p. 46, 1984.

PINQUART, M.; SORENSEN, S. Influences on loneliness in older adults: a meta-analysis. **Basic and Applied Social Psychology - BASIC APPL SOC PSYCHOL**. 23. 245-266. DOI: <https://doi.org/10.1207/153248301753225702>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/247808469_Influences_on_Loneliness_in_Older_Adults_A_Meta-Analysis. Acesso em: 3 jun. 2026.

REIS, T. S. D. dos; RAGNINI, E. C. S.; BOEHS, S. de T. M. Sofrimento Psíquico e uso de Psicofármacos entre Estudantes de Pós-Graduação. **Revista NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity**, [S. l.], v. 13, n. 2, 2021. DOI: <https://doi.org/10.26823/nufen.v13i2.22445>. Disponível em: <https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/nufen/article/view/22445>. Acesso em: 23 mai. 2026.

REZENDE, Raiane Santos. As repúblicas estudantis de Ouro Preto e Mariana: influências da comunidade na existência de uma bolha social. 2021. 221 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

ROSÁRIO, Nacha Samadi Andrade. Traumas relacionados à pandemia da COVID-19: sofrimento mental de estudantes universitários e os efeitos de uma sessão de biofeedback cardiorrespiratório sobre parâmetros fisiológicos e emocionais. 2023. 127 f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) - Núcleo de Pesquisas em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2023.

RITTER, J. M.; FLOWER, R.; HENDERSON, G.; LOKE, Y. K.; MACEWAN, D.; ROBINSON, E.; FULLERTON, J. **Rang & Dale Farmacologia**. 10. ed. Rio de Janeiro: GEN Guanabara Koogan, 2025. E-book. p.520. ISBN 9786561110228. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786561110228/>. Acesso em: 02 jun. 2026.

SANTANA, K. A.; OLIVEIRA, F. M.; SOUSA, N. P.; BRITO, E. P. C.; BEZERRA, B. V.; BEZERRA, M. V.; PEREIRA, E. F. C. S.; ALMEIDA, W. M. O.; CAIXETA, T. S. Uso de antidepressivos na atenção primária à saúde: indicações, desafios e perspectivas clínicas – uma revisão narrativa. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.], v. 8, n. 4, p. 358-369, 2026. DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2026v8n4p358-369>. Disponível em: <https://bjih.scielo.br/bjih/article/view/7229>. Acesso em: 22 mai 2026.

SANTOS, D. D. M.; GUIMARÃES, M. M.; BODEVAN, E. C.; ROCHA, R. L.; PINHEIRO, M. L. P. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes universitários. SMAD, **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas** (Edição em Português), São Paulo, Brasil, v. 15, n. 3, p. 1–9, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2019.148973>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/smad/article/view/163705>. Acesso em: 23 mai. 2026.

SANTOS, G. B. V. dos; ALVES, M. C. G. P.; GOLDBAUM, M.; CESAR, C. L. G.; GIANINI, R. J. Prevalência de transtornos mentais comuns e fatores associados em moradores da área urbana de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 11, e00236318, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00236318>. Disponível em: <http://scielo.br/j/csp/a/B4xZbzc6ZLt5ghtsdXJq9gf/?lang=pt>. Acesso em: 22 mai. 2026.

SANTOS, Vinicius Alexsander. As tradições nas repúblicas federais estudantis: um estudo de caso da proposta de patrimonialização do “modo de vida republicano” na cidade de Ouro Preto - MG. 2023. 85 f. Monografia (Graduação em Turismo) - Escola de Direito, Turismo e Museologia, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2023.

SOARES, L. S. DA S.; BRITO, E. S. DE .; GALATO, D.. Percepções de atores sociais sobre Assistência Farmacêutica na atenção primária: a lacuna do cuidado farmacêutico. **Saúde em Debate**, v. 44, n. 125, p. 411–426, abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202012510>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/j3FQQgDzB8Kbv4Lm4hQPFCR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 3 jun. 2026.

SOUZA, L. M. de; PINTO, A. C. da S.; MARTINS, S. C. G. de M.; MARTINS, E. da C. Use of antidepressants in Brazil from 2020 to 2025. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 14, n. 11, p. e226141150130, 2025. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v14i11.50130>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/50130>. Acesso em: 3 jun. 2026.

TIWARI, S. C. Loneliness: A disease? **Indian journal of psychiatry**, 55, n. 4, p. 320, 2013. DOI: <https://doi.org/10.4103/0019-5545.120536>. Disponível em: https://journals.lww.com/indianjpsychiatry/fulltext/2013/55040/loneliness__a_disease_.4.asp. Acesso em: 3 jun. 2026.

VYAS, M. V.; WATT, J. A.; YU, A. Y. X.; STRAUS, S. E.; KAPRAL, M. K. The association between loneliness and medication use in older adults. **Age and Ageing**, v. 50, n. 2, p. 587–591, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1093/ageing/afaa177>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32931548/>. Acesso em: 25 mai. 2026.

WANG, Jingyi; MANN, Farhana; LLOYD-EVANS, Brynmor; MA, Ruimin; JOHNSON, Sonia. Associations between loneliness and perceived social support and outcomes of mental health problems: a systematic review. **BMC Psychiatry**, v. 18, n. 1, p. 156, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12888-018-1736-5>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1186/s12888-018-1736-5>. Acesso em: 3 jun. 2026.

WICHNIAK, A.; WIERZBICKA, A.; WALECKA, M.; JERNAJCZYK, W. Effects of Antidepressants on Sleep. **Curr Psychiatry Rep**. 2017;19(9):63. Published 2017 Aug 9. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11920-017-0816-4>. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC5548844/>. Acesso em: 23 mai. 2026.

WILKON, N. W. V.; RUFATO, F. D.; SILVA, W. R. Psychotropic drugs use in young university students. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 17, p.

e79101724472, 2021. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i17.24472>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/24472>. Acesso em: 3 jun. 2026.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (1ª etapa – on-line) - Título: Efeito agudo e crônico do treinamento com biofeedback cardiopulmonar em estudantes universitários com baixa e alta solidão

O TCLE tem como objetivo assegurar os seus direitos como participante.

Por favor, leia com atenção e calma. É importante que você guarde a cópia do TCLE em pdf que será disponibilizada logo abaixo, caso você aceite participar da pesquisa. Convidamos você a participar como voluntário da primeira etapa de um estudo que tem como objetivo geral avaliar o sentimento de solidão dos estudantes universitários. Este estudo será coordenado pela Profª Drª Gabriela Guerra Leal de Souza do Departamento de Ciências Biológicas (DECBI)/UFOP e será desenvolvido pela doutora Percilany Martins de Souza, atualmente pesquisadora de pós-doutorado do programa de pós-graduação em Ciências Biológicas (CBIOL/NUPEB). Essa primeira etapa será realizada por meio de Formulários Google enviados por e-mail aos estudantes dos diversos cursos presenciais da UFOP. Sua tarefa será responder uma ficha com dados sociodemográficos e de hábitos de vida e um questionário de solidão. A duração total é de 5 a 10 min. É de suma importância pesquisarmos a saúde mental dos estudantes, uma vez que futuramente, poderemos auxiliar no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento. Visto que o estudo se trata de uma pesquisa com seres humanos, poderá ocorrer constrangimento no preenchimento dos questionários e queda da internet no momento da coleta, sendo considerados os critérios para que os pesquisadores realizem a suspensão do participante e/ou interrupção da pesquisa. Os riscos de estudos com aplicação de questionários envolvem: Possibilidade de constrangimento ao responder o questionário; Desconforto; Medo; Vergonha; Estresse; Quebra de sigilo; Cansaço ao responder às perguntas; Quebra de anonimato; riscos característicos do ambiente virtual, meios eletrônicos, ou atividades não presenciais, em função das limitações das tecnologias e dos pesquisadores para assegurar total confidencialidade e potencial risco de sua violação. Assim sua participação na pesquisa é voluntária e você estará livre para interrompê-la a qualquer momento, sem que isto lhe prejudique. Todos os seus dados serão armazenados de forma adequada, inviabilizando assim, o acesso de terceiros e garantindo o anonimato e a confidencialidade. Seus dados ficarão armazenados durante todo o período de duração da pesquisa sob responsabilidade da professora Gabriela Guerra Leal de Souza. Será garantido que os voluntários que vierem a sofrer qualquer tipo de dano previsto no termo de consentimento e resultante de sua participação, além do direito à assistência integral, terão direito à indenização. Em qualquer etapa do estudo você poderá ter acesso à professora e pesquisadora responsável pelo projeto, por telefone (31)3559-1991, e-mail: gabriela.souza@ufop.edu.br ou ainda pessoalmente no Laboratório de Psicofisiologia no ICEB III, sala 26 (subsolo), no Campus do Morro do Cruzeiro da UFOP. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética desta pesquisa, poderá entrar em contato pessoalmente com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sendo esse, conforme Resolução CEPE 3693/2009, um órgão independente, vinculado operacionalmente à PROPP, autônomo em decisões de sua alçada e de caráter interdisciplinar e multiprofissional, e tem por finalidade avaliar os aspectos éticos das pesquisas que envolvam seres humanos, em conformidade com as determinações da Resolução CNS nº 466/12, instituída em 10 de outubro de 1996 pelo Conselho Nacional de Saúde, localizado no Centro de Convergência, Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós Graduação e Inovação, Campus do Morro do Cruzeiro, UFOP, Ouro Preto (MG), telefone (31) 3559-1368, E-mail: cep.propp@ufop.edu.br. Essa pesquisa não tem finalidade de diagnóstico ou tratamento psicológico. Todos os dados serão divulgados em formato de artigo científico e de vídeos a serem postados no Instagram do Laboratório de Psicofisiologia (labpsicofisiologia_ufop) e da UFOP sem identificação nominal. Acredito ter sido suficientemente informado a respeito do estudo acima citado. Ficou claro para mim quais serão os procedimentos a serem realizados e a garantia de proteção e sigilo dos meus dados individuais. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e concedo para fins científicos, os direitos sobre os meus dados coletados. Poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízos de qualquer espécie. Caso você ou os pesquisadores percebam a necessidade de acompanhamento psicológico, você será orientado por e-mail sobre os serviços de saúde mental gratuitos disponíveis em sua região. Assim, como será disponibilizado a você um e-mail para receber, caso sinta a necessidade, um primeiro acolhimento por um dos colaboradores da pesquisa.



Pesquisador: Gabriela Guerra Leal de Souza

APÊNDICE 2 - Ficha de informações gerais

Questionário sociodemográfico e hábitos de vida

Não há qualquer identificação nominal nos questionários que você irá responder a seguir. Portanto, seja o mais sincero possível na resposta às perguntas abaixo.

Código do Participante (preenchido pelo avaliador): _____

Data: ____/____/____ E-mail: _____

Tel/Celular: () _____

Como você identifica o seu gênero? () Feminino () Masculino () Não-binário () Prefiro não declarar

Você é uma pessoa trans? () Sim () Não () Prefiro não declarar

Idade: _____

Raça/Cor: () Branca () Preta () Parda () Indígena () Ignorado

Estado civil: () Solteiro(a) () Casado(a) () União estável () Separado(a) () Divorciado(a) () Viúvo(a)

Religião: () Religião Cristã (especifique): _____ ()
Religião de Matriz Africana (especifique): _____ () Outra:
_____ () Ateu () Sem Religião

Dados Clínicos e hábitos

Você tem ou teve algum transtorno mental (depressão, ansiedade, pânico, etc.) diagnosticado por médico? _____

Qual? _____

Quando? _____

Alguma doença neurológica (derrame, paralisia facial etc)? _____.

Qual? _____

Quando? _____

Alguma doença cardíaca (hipertensão, infarto etc)? _____.

Qual? _____

Quando? _____

Alguma doença respiratória (asma, DPOC, bronquite, etc.).

Qual? _____

Quando? _____

Outra(s) Qual(is)? _____.

Quando? _____

Você está fazendo uso de algum remédio? sim() não() . Se sim, qual (is)? _____

Quando iniciou o uso (mês e ano)? _____

Atualmente você está fazendo algum tipo de acompanhamento psicológico? sim() não() .

Se sim, como? On-line() Pessoalmente() .

E onde? Pela universidade() Público() Particular()
Outros: _____

Qual a frequência semanal? _____

Qual a duração de cada uma das sessões? _____

Há quanto tempo? _____

Você pratica exercício físico? sim() não() Qual é atividade física?

Qual a frequência semanal? _____

Qual a duração de cada sessão? _____

Há quanto tempo pratica? _____

Você dorme quantas horas por noite? _____

Você geralmente se sente satisfeito(a) com a quantidade de horas que dorme? sim() não()

Você fuma? sim() não() às vezes() .

Você bebe bebida alcoólica? sim() não() Se sim, com que frequência? _____

Você utiliza drogas recreativas? sim() não()

Se sim, qual e com que frequência? _____

ANEXO - Escala de solidão da UCLA revisada (Russell, Peplau e Cutrona, 1980)

Abaixo encontram-se várias afirmativas sobre a forma que alguém pode **se sentir**, pedimos que leia com atenção e marque com que frequência cada uma das afirmativas

abaixo descreve você.

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente
1. Eu me sinto infeliz por fazer tantas coisas sozinho(a).				
2. Eu não tolero ficar tão sozinho(a).				
3. Eu sinto que não tenho companhia.				
4. Eu sinto que ninguém me compreende.				
5. Eu fico esperando as pessoas me ligarem ou escreverem.				
6. Eu sinto que não tenho ninguém a quem eu possa recorrer.				
7. Eu não me sinto próximo(a) a ninguém.				
8. Sinto que meus interesses e ideias não são compartilhados por aqueles que me rodeiam.				
9. Eu me sinto excluído(a).				
10. Eu me sinto completamente sozinho(a).				
11. Eu sou incapaz de me aproximar e de me comunicar com as pessoas ao meu redor.				
12. Eu sinto que minhas relações sociais são superficiais.				
13. Eu me sinto carente de companhia.				
14. Eu sinto que ninguém me conhece realmente bem.				
15. Eu me sinto isolado(a) das outras pessoas.				
16. Sou infeliz estando tão excluído(a).				
17. Para mim é difícil fazer amigos.				
18. Eu me sinto bloqueado(a) e excluído(a) por outras pessoas.				
19. Sinto que as pessoas estão ao meu redor, mas não estão comigo				
20. Eu me sinto incomodado(a) em realizar atividades sozinho(a).				